

*atlas
de*

RELACÕES INTERNACIONAIS

N.º 28

A ESPANHA GEOHISTÓRICA

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Situação geográfica. 2 — Relevo e hidrografia. 3 —
Regiões históricas. 4 — Formação étnico-política. 5 — Si-
tuação política atual. 6 — Problemas políticos e territoriais.

CADERNO ESPECIAL
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
ANO 35 — N.º 4

A Espanha geohistórica

THEREZINHA DE CASTRO *
Geógrafa do IBGE

1 — Situação Geográfica

A *Península Ibérica* se encontra na *encruzilhada das principais rotas que o mundo civilizado utilizou e utiliza*, formando uma ponte entre os continentes europeu e africano, constituindo-se, ao mesmo tempo, no ponto de contacto entre o Atlântico e Mediterrâneo. Integram essa avançada península europeia quatro unidades políticas: Andorra, Gibraltar, Portugal ** e Espanha.

A Península Ibérica tem uma *área* de 579.852 km², equivalendo ao nosso Estado de Minas Gerais (583.248 km²). Cerca de 82% do território peninsular, ou seja, 391.258 km² *pertence à Espanha* que é assim pouco maior que o nosso Estado do Maranhão (328.663 km²). No entanto, além do território peninsular, conta a Espanha com terras insulares formadas pelos arquipélagos das *Baleares* (5.014 km²) e *Canárias* (9.273 km²).

Ao norte, *limita-se a Espanha* com a *França e Andorra* através de 667 km, pela fronteira natural formada pelos *Pirineus*; com o *enclave inglês de Gibraltar*, a linha fronteiriça é de apenas 1,5 km; com *Portugal* os limites se desenvolvem através de 987 km, em algumas zonas marcados por acidentes naturais, em outras, artificiais, desde o rio Minho até o Guadiana.

O país é banhado ao norte e em trecho no sul pelo *Oceano Atlântico* através de 1.541 km de costas, possuindo ainda 1.663 km de litoral no *mar Mediterrâneo*.

* A autora visitou a Espanha, em julho de 1973.

** Vide *Atlas de Relações Internacionais* n.º 5 "A Disputa de Gibraltar"; n.º 11 "O Co-Principado de Andorra"; n.º 16 "O Núcleo Geohistórico de Portugal"; e n.º 18 "Portugal — a Comunidade e seus Imperativos Geohistóricos".

De um modo geral, podemos distinguir uma *Espanha úmida ou higrófila* ao norte, contrastando com a *Espanha seca ou xerófila* do sul. Em particular, a bacia do Ebro e as regiões centrais são as que se apresentam com menores quantidades de chuvas, por ocuparem depressão e terrenos circundados por montanhas. As *temperaturas* se relacionam com as chuvas, influências marítimas e altitudes. As terras do interior acusam grandes diferenças térmicas entre o verão e inverno, em virtude da continentalidade; as terras do norte sofrem invernos frios e prolongados, enquanto as do sul apresentam verões extremamente quentes.

2 — Relevo e Hidrografia

A região dos *altiplanos ou mesetas*, onde sobressaem as *montanhas ou serras*, representa a metade do território espanhol, formando, no conjunto, um agrupamento de *seis sistemas orográficos*.

a) O *Sistema Pirenaico ou Setentrional*, constitui-se na muralha natural que separa a Espanha da França. Com uma extensão de aproximadamente 440 quilômetros, e largura média de 100 km, abraça uma área de quase 50.000 km² (mais ou menos o nosso Estado do Rio Grande do Norte — 53.015 km²), pertencendo, do total, 2/3 ao território espanhol. O *pico Aneto* (3.404 metros), com suas neves eternas é o ponto mais alto do sistema; destacando-se aí, também, o célebre e histórico *desfiladeiro de Roncesvalles* (1.067 metros).

Do lado francês, a vertente dos *Pirineus* é curta e suave; no setor meridional, em território espanhol, prolonga-se através de extensos contrafortes, onde nascem numerosos rios que vão alimentar a *bacia do Ebro*. A bacia do Ebro, cujo nome deriva da corruptela de *Iberus* ou *íbero* — que deu nome a península — tem uma área calculada em 85.997 km². Nela o rio Ebro, eixo principal, vai desembocar no Mediterrâneo através de amplo delta com 4.000 km²; pela quantidade de aluvião que deposita em sua foz, impede que aí se estabeleça um bom porto. Sob o *ponto de vista geopolítico*, a linha do Ebro teve, na época da reconquista, para os Reinos Cristãos do oriente peninsular, a mesma importância que o

Douro para os ocidentais. Com a queda de Saragoça e Lérida em poder dos cristãos, no tempo de Afonso I, essa bacia transformou-se no *apoio territorial da grande entidade política formada pela Coroa de Aragão*.

b) O *Sistema Central* entre os rios Douro e Tejo separa as duas Castelas, a Velha e a Nova. É a cordilheira mais importante do interior da península, seguindo a direção nordeste-sudoeste, numa extensão de 700 km, penetrando em Portugal (Gardunha, Estrela e Sintra), para terminar no cabo da Roca. Em território espanhol, as serras da *Guadarrama, Gatas e Gredos* são as mais importantes do Sistema; encontrando-se nesta última o *pico Plaza del Moro Almanzor* (2.592 metros) o mais alto do conjunto.

O *rio Douro*, que desemboca no Atlântico em território português, apresenta na Espanha um curso de 770 km de seu total avaliado em 937 km. A área de sua bacia é avaliada em 79.236 km², sendo depois das do Ebro e Tejo, a terceira rede hidrográfica da península.

Na época da reconquista, as célebres batalhas de Simancas, Alhandega e San Esteban de Gormaz tiveram seu cenário no Douro, enquanto nos Arapiles seria vencido o exército napoleônico pelos espanhóis sublevados.

Bastante integrado no folclore espanhol, diz-se no país, sobre esse rio, o seguinte: "Bebe del Duero por turbio que vaya, poque el agua del Duero es caldo de pollo".

c) O *Sistema de Toledo*, com seu relevo pouco pronunciado e pequena extensão (350 km) é o de menor importância na península. Marcando a divisória entre as bacias do Tejo e Guadiana, sua direção geral é de leste para oeste, penetrando em Portugal (Portalagre, Estremoz, Ossa e Évora onde se bifurca), terminando no cabo Espichel. Em território espanhol seu pico mais elevado é o de *Villuercas* (1.601 metros).

O *Tejo* é o rio de mais longo curso da península (1.008 km), pertencendo a Espanha 910 km. A área da bacia é calculada em 56.749 km² para a Espanha e apenas 24.198 km² para Portugal. Em Toledo, forma o Tejo um notável meandro encaixado. É navegável desde sua foz até a cidade de Santarém (em Portugal); no tempo de Felipe II e épocas posteriores fizeram-se estudos para o aproveitamento de sua navegabilidade em território espanhol, sem que se chegasse a pô-los em prática, em função do terreno acidentado por onde corre. Acreditam assim alguns geopolíticos que, tendo em vista

a inclinação do relevo ibérico para o Atlântico, como também pela *posição central do Tejo na península Ibérica*, se Felipe II, quando da união das monarquias tivesse optado por Lisboa, em vez de Madrid, teria por certo confirmado para a Espanha o seu destino marítimo, e evitado as tendências continentais de Castela.

d) Calculada em cerca de 55.000 km², dos quais 40.000 km², em território espanhol, a *bacia do Guadiana* separa o Sistema de Toledo do *Sistema Bético*, que vai descendo até a depressão do Guadalquivir. A *serra Morena* é o acidente mais importante desse sistema, e sua altura mais notável se encontra no pico Bañuela (1.323 metros).

e) Formando como o Ebro um vale triangular, o *Guadalquivir* encontra-se envolvido numa bacia com 56.528 km²; seu curso alcança 566 km e, deslizando por extensa planície, é navegável desde sua foz até a cidade de Sevilha, constituindo-se, pois, na *única via fluvial de penetração para o interior*, desempenhando grande papel na economia espanhola. Separa o Sistema Bético do *Penibético*, o mais meridional da península, que se estende desde o cabo Tarifa na direção sudoeste para enlaçar-se com o Sistema Ibérico.

O mais importante acidente orográfico do Sistema Penibético é a *serra Nevada*, que tem no *pico Mulhacén* (3.478 metros) não só a mais elevada altitude do conjunto, como também a de toda a península.

f) O *Sistema Ibérico* é constituído por uma série irregular de grupos montanhosos, que do interior convergem para o vértice formado pelo cabo Nao. Forma, na realidade, uma linha de grandes contrafortes que protege a meseta central, constituindo-se em grande parte na *divisória entre as vertentes atlântica e mediterrânea*. O seu pico mais elevado é o *Moncayo* com 2.313 metros.

★

Numa conclusão geral, podemos pois afirmar que *dois fatos fundamentais presidem a orografia espanhola*; o primeiro se liga a sua profunda complexidade, o segundo à grande elevação do conjunto. Embora existam no país vastas extensões de planícies formadas pelos vales do Ebro ao norte e Guadalquivir ao sul, o relevo espanhol se caracteriza, a despeito dos altiplanos ou mesetas centrais, pela paisagem montanhosa abrupta. As duas mais altas e extensas zonas montanhosas

sas da Espanha se situam nas regiões periféricas setentrional e meridional: no norte, os Pirineus, e no sul, a serra Nevada. A Espanha é, assim, o país de maior altitude média no continente europeu, depois da Suíça.

3 — Regiões Históricas

A Espanha é dos poucos países da Europa que apresenta grande variedade de paisagens. Possui costas baixas e mansas, altas e rochosas; serras desnudas e montanhas verdejantes, planícies férteis e páramos desérticos, regiões de grande pluviosidade e zonas semi-áridas, climas bastante frios e verões muito acentuados.

Nesse emaranhado de paisagens, suas províncias, na realidade, abrangem regiões históricas, destacando-se com fisionomia e denominações próprias; regiões históricas que, de norte para sul, vão perdendo o seu cunho cristão e se tornando mais árabe, mostrando, por outro lado, os particularismos regionais que dividem o território espanhol. No entanto, vemos hoje, que de norte para sul, do leste para o oeste, suas culturas tradicionais vão sendo alcançadas pelo verniz homogeneizador da chamada modernização.

O quadro abaixo dividirá, pois, a Espanha em províncias que as regiões históricas envolvem:

PROVÍNCIAS E REGIÕES HISTÓRICAS	Superfície (Km ²)
Lugo.....	9.881
La Coruña.....	7.903
Pontevedra.....	4.330
Orense.....	6.979
GALICIA	29.093
Oviedo.....	10.895
ASTURIAS	10.895
Santander.....	5.289
Burgos.....	14.328
Sória.....	10.301
Palência.....	8.019
Segóvia.....	6.949
Ávila.....	8.048
Logroño.....	5.034
Valladolid.....	8.345
CASTELA-A-VELHA	66.313
Leão.....	14.070
Zamora.....	10.572
Salamanca.....	12.336
LEÃO	36.978

PROVÍNCIAS E REGIÕES HISTÓRICAS	Superfície (Km ²)
Madrid.....	8.002
Toledo.....	15.345
Ciudad Real.....	19.749
Cuenca.....	17.061
Guadalajara.....	12.190
CASTELA-A-NOVA	72.347
Cáceres.....	19.945
Badajós.....	21.657
EXTREMADURA	41.602
Almería.....	8.774
Granada.....	12.531
Málaga.....	7.285
Jaén.....	13.492
Córdoba.....	13.718
Sevilha.....	14.010
Cádiz.....	7.385
Huelva.....	10.085
ANDALUZIA	87.280
Múrcia.....	11.317
Albacete.....	14.862
MURCIA	26.179
Alicante.....	5.863
Valência.....	10.763
Castellón de la Plana.....	6.679
VALENCIA	23.305
Huesca.....	15.680
Saragoça.....	17.132
Teruel.....	14.797
ARAGÃO	47.709
Tarragona.....	6.283
Lérida.....	14.070
Barcelona.....	7.733
Gerona.....	5.886
CATALUNHA	33.972
Alava.....	3.047
Viscaia.....	2.224
Guipuzcoa.....	1.997
Navarra.....	10.421
BASCONIA E NAVARRA	17.689
BALEARES	5.014
CANARIAS	9.273
ESPAÑA (Total)	405.545

a) A *Galícia* é região histórica, como também geográfica; terra de pescadores e agricultores que falam língua bastante semelhante à portuguesa, o dialeto galego.

Seu núcleo racial é céltico e, como província romana, constituiu-se numa unidade chamada "Callaecia"; foi conquistada pelos suevos e teve efêmero domínio árabe.

Limita-se com Portugal, sendo seus territórios abrangidos pela *bacia do Minho*. Como a província portuguesa minhota, essa região espanhola se caracteriza pela verdura de sua paisagem, graças a seu clima chuvoso; assim sendo, a escritora Rosália de Castro definiu a Galícia como "um jardim onde se respiram aromas puros, frescura e poesia".

Sua grande semelhança com o Minho se liga, também, à economia de terras cultivadas pelo milho e população bastante densa, sobretudo na região costeira. Do minho partiram grandes levas de imigrantes para povoar o Brasil, enquanto os galegos fizeram também a sua rota para a América Espanhola.

Das quatro províncias galegas, *Lugo* é a maior; sua capital também denominada Lugo, banhada pelo rio Minho, revela o passado da "Lucus Augusti" romana, com suas muralhas e catedral românica.

A *Província de La Coruña*, servida por litoral bastante recortado, caracterizado por numerosas rias, além da agricultura do milho, batata e linho, e da criação do gado como em Lugo, tem importância por sua indústria de conservas pesqueiras, além da produção de queijos e manteiga. Possui jazidas de estanho e volfrâmio, enquanto sua metalurgia se distingue pelas construções navais tanto pesqueira como bélica.

La Coruña é a capital da província, situada numa ria no nordeste da Espanha; além de porto importante, suas praias atraem muitos veranistas. Em suas imediações situa-se a histórica *Santiago de Compostela*, a antiga "Campus Stellae", invocando o apóstolo Tiago, da reconquista cristã contra os árabes, cujas reliquias estão guardadas na catedral da cidade. Atrai, assim, Santiago, grande número de peregrinos e turistas em busca de seus monumentos em estilo românico-ogival-renascentista-barroco.

Com seu clima temperado e muito chuvoso, a *Província de Pontevedra* atrai a todos por suas águas minerais. Tem, como La Coruña, ativa indústria pesqueira, sendo rica em estanho e volfrâmio, apresentando, ao lado dos

milharais, também vinhedos. A capital *Pontevedra*, também abrigada no fundo de uma ria, cede o lugar de primeiro porto pesqueiro a *Vigo*, mais ao sul, considerada a porta setentrional da Espanha para a América.

Na *Província de Orense*, já fazendo fronteira com Portugal, se encontra o território mais montanhoso da Galícia, apresentando, porém, as mesmas riquezas de suas vizinhas regionais. Sua capital, *Orense*, nas margens do rio Minho, possui entre seus monumentos históricos uma catedral do século XIII.

b) Por sua configuração bastante montanhosa, a *região das Astúrias* abrigou os cristãos que partiram para a reconquista da península aos árabes. No santuário montanhoso de Covadonga, Pelayo, o primeiro rei cristão da reconquista derrotou um exército árabe em 720.

Como principado, viveu a região das Astúrias por muito tempo isolada, conservando assim curioso folclore, dansas e canções tradicionais, ao lado do dialeto bable que ali se originou.

Encontra-se nesta região a mais importante bacia carbonífera do país, bem como jazidas de ferro e manganes. Envolve uma única província, a de *Oviedo*, cuja capital leva o mesmo nome; é, porém, servida pelo porto de *Gijón* cujas praias, ao lado das de *Avilés*, são bastante procuradas no período do verão.

c) A *Província de Santander* pertence historicamente a *Castela-a-Velha* mas, sob o ponto de vista geográfico, constitui-se no traço de união entre as Astúrias e Bascônia. Isto porque aí o Sistema Pirenáico desce consideravelmente, apresentando vários passos, abrindo para Castela-a-Velha uma saída para o mar. Além das pradarias, onde pasta o gado lanar, essa província cultiva o trigo, tendo também suas atividades econômicas ligadas à mineração do zinco, ferro, carvão e chumbo, que complementam sua indústria metalúrgica. Porto comercial e industrial, a cidade de *Santander* é também centro de Veraneio.

Castela-a-Velha, núcleo geohistórico do país, é a antiga Bardúlia dos iberos; seu território é, de um modo geral, constituído por terras planas de meseta que se perdem no horizonte, transmitindo ao viajante grande monotonia.

Em seu interior, a *Província de Burgos*, com cidade do mesmo nome como capital, onde se destaca a preciosa catedral gótica do século XIII erigida por Fernando III, o Santo, lo-

cal onde nasceu Cid, El Campeador, é banhada pelo rio Arlanzón, tendo sido residência real até 1087.

Sória é a capital da província do mesmo nome, localizada às margens do Douro a 1.055 metros de altitude. Mais ou menos na mesma latitude, a cidade de *Palência*, capital de província do mesmo nome, é considerada "um oásis em meio do trágico deserto da terra de campos", já que o clima regional é do tipo continental extremado. Tem essa cidade o orgulho de possuir a mais antiga universidade do país, fundada no século XII por Afonso VIII.

A *Província de Valladolid* ocupa o centro da bacia do Douro, numa imensa região plana de páramos desolados. Como as duas províncias anteriores, dedica-se ao cultivo do trigo e criação do gado ovino. A capital, *Valladolid*, foi centro administrativo do país quando governaram os primeiros Austrias; orgulha-se de sua Universidade, Academia Militar e Museu Nacional de Escultura. Nessa cidade cassaram-se Fernando e Isabel, os reis católicos, nasceu Felipe II rei das monarquias ibéricas unidas, e morreu Cristóvão Colombo.

Segóvia, na província do mesmo nome, está localizada a 999 metros do nível do mar; esguendo-se sobre rochas escarpadas, seu plano se assemelha a uma nave. Seu aqueduto lembra a antiguidade romana; com seus solares renascentistas é uma das cidades mais artísticas da Espanha.

Ávila, também capital de província de nome igual, com inverno extremado e curto verão, é a mais alta cidade da Espanha (1.126 metros de altitude); suas muralhas parecem querer isolá-la do mundo.

Historicamente a *Província de Logroño* pertence a Castela-a-Velha, no entanto, sobre o ponto de vista geográfico, faz parte do vale Ibérico, sendo porção estranha à meseta, participando também da zona montanhosa da Bascônia. O clima da província é, assim, úmido e frio nas zonas mais altas, temperado e seco na planície; é aí que seus vinhedos produzem excelentes uvas para fabricar o afamado vinho Rioja. Na margem do rio Ebro, *Logroño* é a capital da província.

d) A região histórica de *Leão* engloba três províncias espanholas: a primeira também denominada *Leão*; as outras duas, *Zamora* e *Salamanca* fazem fronteira com Portugal. O clima da região leonesa é do tipo continental tanto no que se refere às temperaturas quanto na pobreza das chuvas. A região cria de preferência o gado ovino, mas se destaca por criar os melhores touros de luta do país; é rica em jazidas de hu-

lha, volfrâmio e estanho, cultivando também o trigo.

Capital da província do mesmo nome, *Leão*, corte do antigo Reino, se destaca por suas muralhas romanas; a catedral do século XIII, em estilo gótico, possui vitrais que transformam-na num quase corpo transparente.

Zona de transição entre a altiplanície castelhana-leonesa e o chamado "país do vinho" em Portugal, já se notam certas influências atlânticas na *Província de Zamora*. Nas margens do Douro, a cidade de *Zamora*, capital da província é também famosa por seus monumentos românico-bizantinos, dentre os quais a catedral, e ainda por suas muralhas.

A cidade de *Salamanca*, capital da província do mesmo nome, é banhada pelo rio Tormes, encontrando-se a 797 metros de altitude. Foco de irradiação da cultura hispânica exibe, além de sua Universidade, uma ponte romana, a velha catedral estilo românico-bizantino, bem como a nova catedral do século XVI, a última do gótico espanhol.

Ainda na Província de Salamanca cumpre-se destacar *Ciudad Rodrigo*, também focos de interesse artístico. De origem romana, a cidade é dominada por um alcazar do século XIV; sua catedral, em parte românica, em parte gótica, data dos séculos XII e XIII.

O Sistema Central separa ao norte as regiões de Castela-a-Velha e *Leão*, de Castela-a-Nova e Extremadura ao sul.

e) *Castela-a-Nova* com seus limites convencionais é também uma região histórica da Espanha, ostentando nesse setor certa individualidade. Engloba as províncias de Madrid, Toledo, Ciudad Real, Cuenca e Guadalajara.

Bem no centro da península, a *Província de Madrid* é montanhosa no norte e oeste — denominada geralmente "La Sierra", onde se destaca a Guadarrama em cujas imediações foi construído o Escorial por Felipe II que morreu neste palácio-mosteiro. As demais regiões da província são planas — a "Somosierra", integrante da altiplanície de Castela-a-Nova.

Segundo a tradição, a *Cidade de Madrid* teve origem na "Mantua Carpetanorum" dos romanos; mas o seu nome parece derivar de Magerit, núcleo populacional que circundava uma fortaleza árabe, erguida junto ao rio Manzanares, cuja finalidade era exercer o papel de vigia avançada entre o Sistema Central de montanhas e o rio Tejo. Coube ao rei leonês Ramiro

II apoderar-se de Magerit, que perderia o seu papel estratégico quando Afonso VI conquistou Toledo mais ao sul. Por isso Madrid viveria por muito tempo como simples conglomerado agrícola, até cair na simpatia dos reis de Castela, e Henrique III mandar construir no local o Palácio de El Pardo num parque circundado por bosques e hoje ocupado por um museu. Os reis católicos, Fernando e Isabel, embora visitassem Madrid com frequência, jamais deram-lhe a categoria de capital; como a maioria dos cortesãos ia, cada vez mais construindo no local suas suntuosas mansões; em 1561 Felipe II daria à cidade foros de capital. Para seu descanso construiu na serra de Guadarrama o Escorial, cujas obras se arrastaram entre os séculos XV e XVI; o Real Mosteiro de S. Lourenço do Escorial abrigou o trono espanhol, servindo hoje de túmulo para vários monarcas da Espanha.

Com a centralização político-administrativa dos Felipes, a Espanha começou a abandonar aos poucos as suas tendências marítimas iniciadas no tempo dos reis católicos, para entrar na política continental europeia, esboçada no tempo de Carlos V. No tempo dos Felipes, quando se uniram as monarquias Ibéricas, o Brasil passou a ser colônia da Espanha. Embora tivessem o Brasil respeitado as instituições portuguesas, e tivessem sido sempre portugueses os nossos governadores, mudariam, no entanto, o sistema de conquista luso. Até a união das monarquias, o Brasil havia permanecido litorâneo, adstrito à faixa de Tordezilhas; com os Felipes era incentivada a conquista do interior e, através das Bandeiras, autorizadas pela metrópole espanhola, o Brasil cresceria territorialmente, tendo, por isso, se transformado no maior país da América do Sul.

Bastante provinciana, Madrid, só a partir dos fins do século XIX começou a se desenvolver, até converter-se numa das mais movimentadas cidades europeias. Para tal, deveu o fato de se ter transformado numa espécie de plataforma giratória do país, quando as ferrovias, rodovias e linhas aéreas passaram, em conjunto, a convergir para esse centro.

No entanto, como nação propriamente dita, a primeira capital da Espanha foi Toledo, na província do mesmo nome. O presente e o passado, a geografia e a história se unem nessa cidade, verdadeira chave do Tejo, dominando o meandro mais pronunciado do rio. Seus monumentos nos fazem passar através das mais diversas fases da história espanhola, pois são exem-

plares de todos os estilos arquitetônicos. Por isso, D. Pedro António de Alarcón definiu Toledo como "um magnífico album arquitetônico onde cada século colocou sua página na pedra".

A *Província de Ciudad Real* está integrada na bacia do Guadiana, onde as jazidas de carvão, mercúrio e chumbo favoreceram sua indústria. Como as demais províncias de Castela-a-Nova, vive também da agropecuária, com destaque na criação de caprinos, plantações de trigo e cevada. A capital, *Ciudad Real*, com suas muralhas romanas, possui a famosa "Porta de Toledo", magnífico exemplar da arquitetura mudejar do século XIV; sua catedral e a igreja de S. Pedro são em estilo gótico.

Na *Província de Cuenca* a geologia construiu a "Cidade Encantada", propiciando através da erosão nas rochas que surgissem ruas, praças, casas e pontes, como que procurando romper a monotonia do altiplano castelhano. Erguida sobre uma colina calcária, entre os rios Jucar e Huécar, a "Cidade Encantada" sugere as mais variadas fantasias. Aliás, esses rios construíram uma poderosa plataforma natural que contrasta com os terrenos circunvizinhos de penhascos e profundas gargantas.

Local de grande importância estratégica, a cidade de *Cuenca* (a Conca dos árabes), capital da província, exerceu papel preponderante de "ferrolho" na fronteira entre os domínios cristão ao norte e muçulmano ao sul, nos séculos XI e XII. Hoje, ao lado dos modernos edifícios, a cidade de Cuenca mostra ainda o seu passado de casas acavaladas nos acantilados, ruas estreitas e a catedral gótica, a única na Espanha em estilo anglo-normando.

A *Província de Guadalajara* é, na realidade, uma zona de transição entre os Sistemas Central e Ibérico e as peneplanícies de Castela-a-Nova, envolvida na bacia do Tejo. A cidade de *Guadalajara* encontra-se numa linha de soldadura, ocupando lugar estratégico no sistema de comunicações do país. Entre os monumentos notáveis desta cidade destaca-se o Palácio do Infanteado, exemplar arquitetônico no qual o final do gótico se mistura com as primeiras manifestações renascentistas.

f) Entre Castela-a-Nova e Portugal, entre as bacias do Tejo e Guadiana, encerrada entre as montanhas formadoras dos *Sistemas de Toledo e Bético*, estende-se a região da *Extremadura* (a "fronteira extrema", na época da reconquista), em peneplanície com altitudes médias de 350 metros, constituída por terrenos bastante antigos.

As duas províncias que integram essa região — *Cáceres e Badajós* — apresentam seu subsolo rico em depósitos de volfrâmio, chumbo argentífero, estanho, cobre, carvão, mercúrio e superfosfatos. As pradarias da Extremadura oferecem excelentes pastagens para o gado ovino de fina lã, sustentando também, durante o inverno, os rebanhos procedentes das regiões leonesa e castelhana. No setor agrícola, os vinhedos começam a surgir ao lado das oliveiras e cultura de pimentões, tão usados nos pratos espanhóis.

As casas da Extremadura, caiadas de branco, identificam-se com as do sul de Portugal. A esse respeito, o escritor espanhol Larra observou: “as casas extremenhas, a meúdo branqueadas, parecem ser um ente animado que lava a cada todos os dias”.

Nessa região *encontram-se as Espanhas Muçulmana e cristã*, tendo destaque, na cidade de Cáceres a 471 metros, as mansões senhoriais do século dos conquistadores de Granada e da América. *Badajós*, capital da maior província espanhola, banhada pelo rio Guadiana e seu confluente Rívilles, conta também com monumentos árabes e romanos; destacando-se, em particular, a torre de Espantaperros e vestígios da fortificação muçulmana. Após a reconquista, Badajós transformou-se num ponto de importância estratégica, em especial nas ocasiões de guerras entre a Espanha e Portugal.

Ainda nesta província, também banhada pelo Guadiana, surge *Mérida*, a “*Emérita Augusta*”, uma das principais cidades do Império Romano, com suas pontes, aquedutos, templos, anfiteatro, etc.; o teatro de Mérida, construído pelos romanos, imitando o estilo grego, é semicircular, deixando a platéia por trás da orquestra que, por sua vez, se colocava de frente para a cena. Centro industrial de produtos de carne, Mérida é hoje *importante nó nas comunicações da Espanha*.

g) A *Andaluzia* é região histórica servida pelo Guadalquivir, cortada pelo Sistema Penibético, banhada pelo Atlântico e Mediterrâneo, e que também se limita com Portugal. Antiga Bética, a Andaluzia constituiu-se numa região natural que difere do restante da Espanha, levando-se em conta o seu clima e relevo. No sopé da *serra Morena* começa a *planície andaluza*, surgindo ao sul as elevações do Sistema Penibético no qual se enquadra a *Serra Nevada*. Assim, a Andaluzia possui as mais altas montanhas, as mais extensas planícies, o Guadalquivir como o maior rio navegável, e ainda os glaciares meridionais da Espanha; nessa zona de contraste, ao lado das regiões mais chuvosas das

altitudes, a *Província de Almeria* é a das mais secas do país; em poucos quilômetros que se percorre na Andaluzia passamos da zona subtropical salpicada por palmeiras, para a flora das regiões frias.

Por sua variedade e fertilidade, os fenícios se estenderam pelo vale do Guadalquivir e os romanos colonizaram com êxito a região andaluza. No entanto, a época de maior esplendor se liga à dominação árabe, quando a Andaluzia se transformou no *elo de união entre a Europa Cristã e a África*. O *Reino de Granada*, conquistado em 1492 pelos reis católicos, foi o último reduto árabe na Península Ibérica. A partir daí, a Andaluzia passou a ser uma espécie de corpo sem alma, tendo ao sul a África entregue à barbárie; unida à Espanha Cristã, a Andaluzia ficaria isolada, dado o seu afastamento dos países do norte, aliada das vias do grande comércio. As expedições espanholas que iriam desvendar nos oceanos um mundo novo, ao lado dos portugueses, e dar ao país um império ultramarino, iriam partir da Andaluzia, dando-lhe novo surto.

Hoje, zona agropecuarista, mineira e industrial, a Andaluzia se desenvolve e atrai grande número de turistas em busca dos *mais importantes monumentos árabes da Europa*.

Os mais diversos produtos agrícolas são aí encontrados, desde a cana-de-açúcar, a oliveira, a videira, o milho, cereais e cítricos. Os mais variados tipos de gado, desde o caprino, bovino, ~~ovino~~, ovino ao cavalari. Seu subsolo apresenta jazidas de mármore, ferro, cobre, chumbo, níquel, enxofre, prata e também salinas. Todas essas riquezas se encontram distribuídas pelas oito províncias que integram a região da Andaluzia.

Almeria, capital da província do mesmo nome, teve origem em antiga fortaleza árabe — a Alcazaba. Construída por Abderramão III e hoje, além de porto pesqueiro, exporta também uvas e laranjas. Em suas imediações, *Adra*, a fenícia Abdera, exporta minérios.

Granada, capital da província do mesmo nome, é a cidade das mil torres e corte do último reino árabe, situada às margens do rio Genil, afluente do Guadalquivir. Nela domina o Alhambra, castelo vermelho que foi o palácio dos muçulmanos, bem como a catedral, obra-prima de Diego de Siloé, em estilo barroco, com fachada de Afonso Cano (séculos XVI e XVIII). Consagrada aos reis católicos, contém o túmulo de Fernando e Isabel que aí manifestaram desejo de ficar enterrados, bem como os de Joana, a Louca e Felipe, o Belo. Quanto ao palácio-fortale-

za dos mouros, o Alhambra, cuja construção é anterior ao século XIII, é pesado e disforme, mas seu interior é bastante ornamentado com variedade de arabescos. O famoso pátio dos leões com 30 metros de comprimento por 16 metros de largura é contornado por galeria sustentada por 28 colunas de mármore branco; no centro, uma fonte em bacia de alabastro com 12 leões em mármore negro. Em 1526, Carlos V mandou destruir uma ala desse palácio, incumbindo os arquitetos Pedro e Luís Machuca de edificar aí um palácio à italiana; esse edifício inacabado, de nobre fachada e corte central circular, é uma das obras-primas do renascimento espanhol. Ao norte, o barranco do Darro separa o Alhambra do Sacromonte, quarteirão pitoresco de Granada que se ramifica em ruelas estreitas, estendendo-se até os alojamentos trogloditas dos ciganos.

Motril se constitui no principal porto da província de Granada, destacando-se também por suas fábricas de açúcar.

Também banhada pelo Mediterrâneo, surge a *Província de Málaga*, com capital do mesmo nome. A cidade é dominada por duas fortalezas mouriscas — a Alcazaba e a Gibralfaro; fundada pelos fenícios, teve grande desenvolvimento no período cartaginês, foi cidade federada dos romanos, pilhada pelos visigodos, capital do reino taifa muçulmano a partir de 711 e conquistada pelos reis católicos em 1487. O núcleo urbano de Málaga é dividido pelo curso do Guadalmedina; porto movimentado e região industrial tem em Torremolinos a sua praia de veraneio e centro de atração turística.

Jaén, província que corresponde à bacia superior do Guadalquivir, tem em sua capital do mesmo nome um importante mercado de azeite; por sua fisionomia singular, qualifica-se como a "cidade africana". Nessa província de Jaén a indústria do chumbo se instalou em *Liñares*.

A *Província de Córdoba* se orgulha de criar excelentes cavalos e touros do país, bem como por suas indústrias de azeite, vinhos, licores e sabão. A capital, também chamada *Córdoba*, possui uma ponte romana reconstruída pelos árabes; destaca-se porém, na cidade, a grande mesquita omíada construída por Abderramão I em 785 e continuada por seus sucessores até o século XV; no centro dessa mesquita Carlos I teve a infeliz idéia de construir uma catedral. A mesquita se constitui numa unidade formada por 19 naves, com orientação leste-oeste, sustentada por arcos que repousam em mais de 800 colunas. As casas brancas,

os muxarabis, os pátios internos floridos em ruas estreitas, evocam em Granada o seu passado árabe; a sinagoga mudejar que data de 1314, e que por pouco não foi destruída para que nela se instalasse uma igreja, ergue-se encurralada num quarteirão típico de ruas bem estreitas.

Em plena planície da Andaluzia, *Sevilha*, as margens do Guadalquivir, é a cidade residência dos grandes proprietários rurais e capital da província do mesmo nome; aliás, nota-se nitidamente que a Andaluzia é, em geral, a terra dos latifúndios, nas quais os "braceros", trabalhadores sem terras — arrancam a sua sobrevivência precária.

Conquistada pelos romanos, visigodos, árabes e cristãos, foi em Sevilha que Cristóvão Colombo conseguiu meios para organizar a sua expedição que redescobriu a América. Coincidentemente, todas as relações levadas a efeito entre Castela-Aragão com a América se realizaram obrigatoriamente através de Sevilha, via Casa de Contratação. Os navios que traziam o ouro e prata do México, Perú e Potosi (Bolívia) passavam por Sevilha, que decaiu quando Felipe V resolveu transferir a Casa de Contratação para Cadiz (1717).

Cidade das mais alegres da Espanha, Sevilha conserva inúmeros vestígios da época árabe. Na própria catedral construída no século XII, pelo Emir Abu Yakub no local onde funcionara anteriormente uma mesquita almoada, conserva a Giralda, sua torre minarete; aliás, as numerosas igrejas sevillhanas, entre as quais San Marcos, Santa Catarina, São Pedro, etc, mantêm os antigos minaretes das mesquitas. Em Sevilha, tem grande imponência o Alcazar, residência real, onde se justapõem o palácio almoada, com o gótico, o mudejar e o renascentista. Outro monumento de interesse é a construção almoada do século XIII denominada a "Torre de Ouro", facetada e com ameias; bem como a que é para muitos, a pretensa Casa de Pilatos, adornada com artísticos azulejos. Bastante procurada pelos turistas, não só pelos monumentos que possui, mas também por suas "fiestas" profanas e religiosas, tem Sevilha desde 1893, sua área verde no Parque Maria Luiza, onde pombas exclusivamente brancas, amestradas, pousam sobre os visitantes para que estes as alimentem. Para os pesquisadores, é de grande interesse a Biblioteca Colombina com manuscritos e livros de Colombo.

A *Província de Cadiz* é banhada pelas águas do Atlântico e Mediterrâneo. A capital é *Cadiz*, num ilhote rochoso, ligado à terra firme por estreito cor-

dão de areia. Enclausurada por muito tempo dentro de altas muralhas ainda parcialmente conservadas, a cidade possui ruas estreitas, casario branco e inúmeros miradouros. Porto fundado pelos fenícios, Cadiz foi, no passado, o entreposto do estanho trazido das ilhas Cassiteritas (Britânicas); hoje, ponto de contacto com as ilhas Canárias e passagem das linhas transatlânticas espanholas, Cadiz é também porto pesqueiro.

Integrando também a Província de Cadiz, *Sanlúcar*, na foz do Guadalquivir, se destaca por seus vinhos e licores preciosos. Por fim, *La Línea*, que mantém estreito contacto com o enclave inglês de Gibraltar, que os espanhóis vêm desejando incorporar ao país.

A *Província de Huelva* limita-se com Portugal e só é banhada pelo Atlântico. Além de capital da província, *Huelva* se constitui no porto de embarque dos minerais extraídos da serra Morena. Em suas imediações encontra-se *Palos*, o porto de onde partiu Colombo para atingir a América em 1492 e o Convento de La Rábida onde o mesmo navegador encontrou asilo em 1484 quando saiu de Portugal levando os planos de viagem de seu sogro Bartolomeu Perestrelo para oferecer seus serviços aos reis católicos.

h) As *regiões históricas de Múrcia e Valência* enquadradas sob o ponto de vista geográfico na *zona natural levantina*, se constituem numa estreita faixa de terra litorânea limitada a leste pelo Mediterrâneo e a oeste pelas montanhas do Sistema Ibérico. A região é pobre em chuvas, à semelhança das *planícies da Mancha*, descrita no romance "D. Quixote" de Miguel de Cervantes; daí seus espaços cultivados não serem contínuos e os aglomerados urbanos se localizarem preferentemente no litoral ou imediações de um rio. Como os rios da região nascem na meseta e desembocam nas planícies periféricas, apresentam cursos encaixados permitindo a formação de diques, pântanos, canais de irrigação com os característicos moinhos. Assim, os rios Segura, Jucar e Túria, perdem a maior parte do seu caudal antes de chegarem a foz tendo em vista a grande sangria que sofrem para alimentarem os canais de irrigação.

As principais atividades agrícolas dedicam-se aí aos cítricos, amêndoas, vinhas e arroz, ao lado de outros produtos a base de grão.

A *região de Múrcia* compõe-se de duas províncias: a de *Múrcia* e a de *Albacete*. A primeira, rica em minérios (chumbo, enxofre, zinco e ferro) tem

em *Aguilas*, seu porto especializado nessa exportação. Em suas proximidades, mais ao norte, *Cartagena* é porto militar e arsenal do país. Os vinhos e licores de *Múrcia*, capital da província, cidade mais interiorizada, na margem do rio Segura, são famosos. *Múrcia* foi a "Vergília" dos romanos e, no século XIII capital de um pequeno reino conquistado pelos castelhanos; nela devem ser visitados os numerosos conventos e igrejas clássicas e barrocas. Já a *Província de Albacete* vive essencialmente da agricultura (trigo, vinha e oliveira), distinguindo-se o enxofre no campo mineral. Compreendendo no nordeste uma parte da planície árida da Mancha, tem como capital a *cidade de Albacete*, no rio Jucar, importante mercado de vinhos e frutas.

A *região de Valência*, também pertencente a Ibéria seca, como a de *Múrcia*, com suas estepes do tipo africano, mostra nas albufeiras (águas represadas), cruzadas por canais, o elemento base para a sua agricultura de arroz, oliveira, vinhedo e cítricos.

Alicante, na província do mesmo nome, deve seu recente desenvolvimento à instalação, em seu posto, de uma refinaria de petróleo e várias outras indústrias (têxtil, química, de tabaco e alimentícias). Foi colônia grega e depois cidade romana de "Lucentum", a praça forte de todo o Reino de Valência. O porto de *Denia*, que também foi colônia grega, se especializou na fabricação e exportação das passas espanholas.

Valência é a capital da província do mesmo nome, na foz do rio Túria, com seu porto de La Grao. A cidade é rica em monumentos históricos, entre os quais as famosas portas fortificadas — Torres de Serranos e Torres de Cuarte. Antiga colônia grega, foi ocupada pelos cartagineses, colônia romana (*Valentia Edetanorum*) tendo também sido conquistada pelos visigodos (413) em seguida caiu em poder dos árabes (714-1021), e depois foi capital de um dos reinos taifas.

Próximo de Valência, *Sagunto*, com sua indústria siderúrgica, conta com importantes vestígios arqueológicos; sua disputa causou a segunda Guerra Púnica entre romanos e cartagineses. No interior, *Jativa* se orgulha de ter possuído a primeira fábrica de papel da Europa, invenção levada para a península pelos árabes.

A terceira e última província da região de *Múrcia* é *Castellón de la Plana*, com capital do mesmo nome, a mais próxima do litoral levantino, com seu porto que se dedica à exportação de laranjas.

i) Na bacia triangular do Ebro se estendem as regiões de Aragão e Catalunha que se complementaram em épocas históricas. Isto porque Aragão, no interior de um vale cercado, necessitou sempre dos portos catalões para uma saída marítima.

O Ebro, por sua escassa navegabilidade no baixo curso, jamais conseguiu ter uma cidade importante em sua embocadura; assim, na época dos romanos, *Tarragona* foi-lhe o núcleo urbano mais próximo. Capital da província do mesmo nome, rica em carvão e enxôfre, destaca-se por sua indústria têxtil, de azeite, de conservas, afamados licores e vinhos (caldos de Trancoli e Priorato); em suas imediações, *Reus* é também cidade bastante industrial.

No interior, fazendo fronteira com Andorra e a França, a *Província de Lérida* mantém sua agricultura à base de irrigação (vinhedos e olivais); seu subsolo é rico em carvão, chumbo, e manganês. Sua capital é *Lérida*, banhada pelo rio Segre; foi a Ilerda dos iberos e a Lareda dos árabes, onde as ruínas do castelo muçulmano de Zuda são imponentes. Sua catedral românica-gótica (1203-1278) contrasta com a nova do século XVIII, em estilo neoclássico. Situando-se a cidade no centro das planícies irrigadas da Catalunha, transformou-se em movimentado mercado agrícola e industrial.

Com a invasão árabe, os catalões se refugiaram ao norte, e apoiados pelo Império de Carlos Magno, fizeram de *Barcelona* o mais importante núcleo de resistência. Originou-se aí a "*Marca de Espanha*", território estratégico que impediu a ultrapassagem dos Pirineus pelos árabes.

Capital da província do mesmo nome, *Barcelona* localiza-se no delta do rio Lobregat. Nas imediações do porto, a cidade velha forma um trapézio com suas ruas estreitas que guardam vários monumentos históricos: igrejas românicas e góticas, construções barrocas e renascentistas. A cidade nova, seguindo plano quadrangular, encontra-se com o núcleo antigo através da praça da Catalunha, centro dos negócios locais; com ritmo de grande metrópole, possui as mais variadas indústrias.

Desde o século XIII, *Barcelona* figurava como grande metrópole espanhola, constituindo-se na porta de entrada dos produtos orientais; tendo sido criada aí, no século XIV, uma câmara de comércio marítimo denominada o Consulado do Mar. Isto porque o sul do Mediterrâneo se encontrava dominado pelos piratas árabes, e só o norte, entre a Catalunha e Gênova (na península Itálica) apresentava alguma

segurança no tráfego marítimo. Iniciada a colonização da América, e a partir do momento em que a invasão turca fechava, com a tomada de Constantinopla, o caminho para o oriente, os portos do Atlântico (Sevilha e Cadiz) começaram a florescer, enquanto decaíam as cidades mediterrâneas, e entre elas, *Barcelona*. Sofrendo tremendo golpe, *Barcelona* perdia foros e privilégios e só começou a ressurgir na segunda metade do século XIX. Isolada entre o mar e a Cordilheira Catalã, originou-se aí um interessante dialeto, o catalão, língua derivada do latim falada pelo povo, mas que não é ensinada nas escolas.

A *Província de Gerona*, na fronteira com a França, é bastante montanhosa, pois é nela que se encontram o Sistema Pirenáico e a Cordilheira Catalã; o seu litoral acidentado, que se salienta no cabo Creus, forma a chamada "Costa Brava", onde o turismo não é tão intenso quanto o da "Costa do Sol" no sul do país. A cidade de *Gerona*, banhada pelo rio Ter, foi a "Gerunda" dos romanos e a "Djerunda" dos árabes; divide-se em cidade alta, limitada por muralhas, e cidade baixa, onde são numerosos os seus monumentos históricos.

A região histórica que formou o antigo reino aragonês está dividida em três províncias — *Huesca*, *Saragoça* e *Teruel* — cujo clima, de norte para o sul, vai passando do tipo alpino para o continental, onde as chuvas são sempre escassas. Na agricultura cultivava-se os cereais, enquanto na pecuária se destaca o gado lanar; a região é rica em carvão, alumínio, cobalto e níquel.

Huesca é conhecida como a cidade das 99 torres, tendo sido fundada pelos iberos sob o nome de Osca, passando a denominar-se Wesca no tempo dos árabes; conquistada pelos cristãos passou a fazer parte do Reino de Aragão.

Saragoça, no centro do território aragonês, ocupa a fossa do Ebro; antiga corte dos mouros e depois dos cristãos, conserva as ruínas de palácio árabe da Aljaferia (século XI) e a bela catedral gótica de La Seo (séculos XIII e XIV). Fundada pelos fenícios, que a chamaram de Salduba, foi a Caesaraugusta dos romanos, a Saracustah dos árabes, sendo também conquistada pelos suevos e vândalos. Foi capital do Reino Árabe de Saragoça e do Reino de Aragão quando conquistada por Afonso I (1317), só perdendo sua importância política quando Madrid foi confirmada como capital.

Teruel, na confluência dos rios Túria e Alfambra, por sua posição estratégica, foi palco de lutas entre árabes e

cristãos, só sendo tomada definitivamente pelos últimos em 1365.

j) Entre Aragão, Castela-a-Velha e a França localizam-se as regiões da *Bascônia e Navarra*.

Na *Bascônia*, onde os Pirineus apresentam suas menores elevações, formando passos, estabeleceu-se um povo de origem desconhecida e de língua diferente (o *escaldunak*), tanto do lado francês como no espanhol.* Por sua vez, a *Navarra* encavalada nos Pirineus Ocidentais oferece também um aspecto distinto das demais terras espanholas, donde sua destacada personalidade.

Considerada como a chave do país basco, *Vitória* é a capital da *Província de Alava*. Localizada em rica região madeireira, além das indústrias derivadas do produto florestal, possui fábricas de automóveis, máquinas agrícolas, aparelhos elétricos, etc.

Na *Província de Viscaia* as jazidas de ferro transformaram-na numa importante zona de indústria siderúrgica. Assim, sua capital *Bilbal*, na ria do *Nervión*, tem importância fundamental na economia do país. Durante a Idade Média englobou o âmbito comercial das cidades hanseáticas, e hoje sustenta a sua tradicional indústria pesqueira.

San Sebastian, na baía da *Concha*, na embocadura do rio *Urumea*, é desde o século XIX importante centro de veraneio do país. Capital da *Província de Guípuzcoa*, é excelente porto pesqueiro, com indústria metalúrgica e naval.

A *Província de Navarra* foi antigo reino nascido no século IX e incorporado a Castela em 1512. Região agrícola (cereais e vinhedos), não encerra grandes riquezas em seu subsolo, mas conta com extensos pastos nas suas montanhas. Sua capital é *Pamplona*, que deve seu nome ao romano Pompeu, situada no rio *Arga*, que banha os dois lados da cidade.

k) As *Baleares*, arquipélago formado por três grandes ilhas — *Maíorca, Mínorca e Ibiza*, e outras menores, por sua excelente posição do Mediterrâneo, foram ocupadas sucessivamente pelos gregos, cartagineses, romanos e árabes. Reconquistadas pelos cristãos, ficaram unidas à Coroa de Aragão e Espanha; no entanto, a ilha *Maíorca*, ocupada pelos ingleses durante 70 anos, voltaria a ser espanhola no reinado de Carlos III.

No arquipélago, de um modo geral, a agricultura é intensiva, dedicando-se a cereais, vinhedos e, sobretudo,

aos cítricos. A vida se concentra em pequenas urbes que ganham maior vida quando visitadas pelos turistas.

Na ilha *Maíorca*, tem grande importância *Alcúdia*, cercada por muralhas e estrategicamente colocada em frente a *Mínorca*. A capital do arquipélago é *Palma*, onde, ao lado de outros monumentos, se destacam a catedral, a *Lonja* e o castelo de *Bellver*. Na planície central, *Inca* se destaca por sua indústria de calçado, além de *Manacor*, célebre por suas pérolas artificiais. Entre as numerosas grutas de *Maíorca*, salienta-se a do *Dragão*, a 12 km de *Manacor*, com cerca de 20 km e, em cujo interior o *Miramar* (117 metros) é um dos maiores lagos subterrâneos que se conhece.

Na ilha *Mínorca*, famosa por seus monumentos megalíticos, além da antiga capital — *Ciudadela*, tem maior importância *Mahon*, cidade fortaleza, com seu porto militar.

l) O *Arquipélago das Canárias*, que se compõe de sete ilhas principais e outras seis desérticas, localiza-se em pleno Atlântico, estendendo-se em direção ao continente africano; a ilha de *Fuerteventura* dista apenas 115 km do cabo *Jubi*, no antigo Saara Espanhol. Acredita-se, pois, que as Canárias se constituam no *prolongamento emerso do sistema orográfico marroquino*, denominado *Gran Atlas*.

Povoadas em tempos pre-históricos pelos *guanches*, povo de origem obscura, foram essas ilhas visitadas pelos fenícios, gregos, romanos e também pelos árabes. Eram conhecidas pelos nomes de *Hispérides ou Afortunadas*, passando na Idade Moderna a serem chamadas de Canárias, pela grande quantidade de cães encontrados principalmente na *Grán Canária*.

Bastante visitadas pelos navegadores portugueses, ponto de escala na época das grandes navegações, foram doadas à Espanha no tempo dos reis católicos, embora sob protesto de Portugal junto a Santa Sé.

Localizadas na encruzilhada da Europa, África e América, as *Canárias têm grande valor estratégico*.

Seu clima primaveril, graças à influência marítima, transformou essas ilhas num foco rendoso de turismo para a Espanha; a agricultura aí, quase que de subsistência, se liga à cultura da cana-de-açúcar, batata e cítricos, constituindo-se a pesca numa de suas principais atividades econômicas.

Tenerife e a Grán Canária são as duas maiores e mais importantes ilhas

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 13 — "Os Sete Países Bascos".

do arquipélago. A ilha de Tenerife, terra do apóstolo do Brasil, Padre José de Anchieta, tem a forma triangular; sua maior altitude se encontra no *pico Teide* (3.715 metros), formado por vários cones superpostos; a capital é a cidade de *Santa Cruz*. A Grã Canária é de forma circular, sendo *Las Palmas* a sua capital.

★

País de paisagem variada, o *espanhol é também produto de numerosas correntes populacionais*. Dos *celtas* provenientes do centro da Europa, dos *iberos* de ascendência africana; a fusão de ambos daria origem ao *povo celtibero*.

Depois, sua tão custosa unidade nacional formar-se-ia através de *oito séculos de dominação romana-gótica*; seguindo-se *mais oito séculos nos quais receberia a cultura árabe*. Expulsos os árabes, viveria a partir de 1492 seus *três séculos como grande império colonial, difundindo sua cultura cristã*.

Sob o ponto de vista geohistórico é a *Espanha um cadinho de raças*. Sob o ponto de vista geopolítico é a *Espanha uma zona de contacto e passagem entre o Mediterrâneo e o Atlântico, entre a Europa e África*.

Segundo J. Vicens Vives “ocupa o centro de uma cruz cujas aspas estão formadas por duas correntes geográficas. Uma, no sentido dos paralelos: a mediterrâneo-oriental e a atlântica-americana; a outra, no sentido dos meridianos, que vem da Europa e continua pelo norte da África”.

4 — Formação Étnico-Política

Os *Pinneus*, poderosa muralha ao norte da península Ibérica, através de seus *passos mais acessíveis à oeste*, facilitaria a *penetração de povos de culturas as mais diversas*, desde o Paleolítico Inferior. São provas deste período as pinturas rupestres das *grutas de Altamira*, na Província de Santander. Tanto a França meridional quanto a Espanha setentrional são regiões privilegiadas sob o ponto de vista dessas artes pré-históricas, que consistem em reproduções de animais, bisontes especialmente, com tamanhos que variam de 1,5 metros a 2 metros.

Coincide com a Idade de Ferro a *invasão dos primeiros povos* históricos na península; são eles os *iberos*, vindos provavelmente da África por volta do ano 3.000 a.C., já que seus povoados se estendem do sul da península para o Mediterrâneo. No século VI a.C.,

partindo do Reno e atravessando o oeste da França, os *celtas*, valendo-se dos passos pirenaicos entram na península, pelo norte. Acredita-se ainda, que entre os iberos ao sul e os celtas ao norte, numa faixa limitada pelos Pirineus, passaram a viver isolados os *bascos*, remanescentes de povos pré-históricos, mas de origem ignorada.

Aos poucos, os celtas, invasores pelo norte e os iberos, invasores do sul, estendendo seus povoados, iriam se amalgamar no centro da península, na região de Castela-a-Velha, o núcleo geohistórico espanhol. Essa fusão daria origem aos *celtiberos*, considerados autóctones, antepassados dos *castelhanos*, os denominados espanhóis autênticos.

Era essa a situação étnica peninsular, quando *diversas correntes civilizadoras* começam a chegar à região. De lá, as mais antigas informações se ligam a *Gadir* (atual Cadiz), fundada pelos *fenícios* oriundos de Tiro, por volta de 1100 a.C. Partindo desse ponto meridional, os fenícios se internariam através do vale do Guadalquivir em busca do ouro, prata, chumbo e estanho, com os quais comerciavam; no entanto, sua colonização limitar-se-ia, na península, a simples entrepostos costeiros. Dos fenícios, a região receberia o nome de “*Hispânia*” que passaria depois a denominar o país, enquanto o antigo termo — “*Ibéria*”, de seus antigos habitantes, passaria como indicatário de toda a península.

Herdeiros-rivais do comércio fenício, os *gregos*, também provenientes do Mediterrâneo Oriental, fundariam na península suas colônias. Quanto aos gregos, as correntes históricas se dividem entre *Hemerereskopeion* (atual Denia) e *Mainake*, nas imediações de Málaga, como pontos iniciais de estabelecimento. No entanto, quer partindo da costa oriental, quer da costa meridional, os gregos atingiram, como seus antecessores fenícios, as montanhas do sul, ricas em minerais.

Co-herdeiros dos fenícios, com grande influência econômica na parte ocidental da bacia mediterrânea, os *cartagineses* chegam à ponta sudeste da Espanha, fundando *Nova Cartago* (atual Cartagena), por volta do século VI a.C. Dando origem depois a *Alonis* e *Akra Leuke* (Alicante e Sagunto), os cartagineses exerceriam sua hegemonia colonial na Espanha ao sul do Ebro e Douro, através da conquista bastante interiorizada, já a partir do século II a.C., quando Anibal conquista Salamanca.

Já era notória, no entanto, a *rivalidade entre cartagineses e romanos* quanto ao predomínio no “*Mare Nos-*

trum” (Mediterrâneo), que iria gerar as chamadas guerras Púnicas; assim, após a segunda guerra Púnica, os *cartagineses seriam expulsos da península Ibérica pelos romanos*. Ante a resistência cartaginesa na região montanhosa da Andaluzia e dos lusitanos, sob o comando de Viriato, na zona montanhosa de Traz-os-Montes, os romanos tiveram que conquistar por etapas, em dois séculos de luta, este rico domínio colonial peninsular.

A *romanização da península Ibérica* foi, na realidade, conseqüência da segunda guerra Púnica. A conquista teve início de leste para oeste, com exceção das Baleares, através da orla mediterrânea e Andaluzia, tendo como ponto de apoio no hinterland a cidade de *Caesareia Augusta* (atual Saragoça). Instalados nessa região semi-árida, os romanos dão início aos trabalhos de irrigação; o termo espanhol “huerta”, ainda hoje usado para designar os jardins regados artificialmente no país, denota a influência romana, vindo do latim “hortus”, que significa jardim. Desta faixa, foram os romanos se expandindo através da meseta, atingindo terras portuguesas e zona cantábrica do norte da península; não conseguiram, no entanto, submeter os bascos, então instalados de ambos os lados dos passos pirenaicos.

O *Império Romano Peninsular* estendeu-se, salvo essa exceção em pequena parte setentrional, desde os Pirineus até o sul, de onde, atravessando o estreito de Gibraltar, criaram ao norte da África a Província da Mauritânia. Tendo em seu poder a Península Ibérica e a Mauritânia, estava fechado e resguardado o “Mare Nostrum” dos romanos.

A *península Ibérica foi romanizada*: assimilou o latim a seus dialetos, adotou-lhes seus usos e costumes, inclusive o *Cristianismo*, que o Império oficializaria e o Concílio de Nicéia de 325 d.C. consideraria como a verdadeira religião.

Em 409, novamente os passos pirenaicos iriam propiciar *nova onda de invasão na Península Ibérica*. Pertenciam esses invasores a *tribos germânicas* denominadas indistintamente pelos romanos de *povos bárbaros*. O primeiro grupo bárbaro que aí se instalou foram os *suevos*, preferindo o noroeste da península; os *alanos*, por sua vez, se fixam na chamada Luzitânia; enquanto os *vândalos* ocupavam a Andaluzia, cujo nome os recorda, derivando de “Vandaluzia”. Como os romanos, os *vândalos* também ultrapassaram Gibraltar, indo para o norte da África e ilhas Mediterrâneas, inclusive as Baleares.

Os bárbaros *visigodos*, que chegaram à península como federados, isto é, integrantes do exército romano para de lá expulsarem os seus irmãos de raça acabaram por formar o mais vasto Estado, que chegaria mesmo a ultrapassar os Pirineus. Se o domínio romano não chegara a alcançar a zona pirenaica ocupada pelos bascos, o mesmo aconteceria com os Estados Bárbaros instalados na península.

Toledo tornou-se a capital dos visigodos no tempo de Atanagildo (554-567); e esse Estado subsistiria durante 3 séculos, como centro de gravidade da península. Recaredo (586-601), abandonou o arianismo pelo catolicismo em 589, o mesmo acontecendo com os demais povos bárbaros que, além da religião, adaptaram a cultura românica a seus usos e costumes; deturpado em meio às línguas bárbaras, o latim daria, no entanto, origem aos dialetos e línguas portuguesa e espanhola faladas hoje na península.

Em 711 termina o período visigótico, porque os *árabes*, comandados por *Tarik*, provenientes do norte da África, via Gibraltar, invadem a península. Desde a primeira vitória, obtida em Guadalete, rio andaluz tributário do Atlântico, em 4 séculos de lutas, os árabes conquistariam o mais vasto espaço na península. Um pequeno número de visigodos e outros povos cristianizados da península, para fugir ao infiel, conseguiram manter a sua independência e salvaguardar a sua cultura nas regiões montanhosas das Astúrias e Pirineus. Desses dois focos partiriam para a reconquista de Portugal (que no século XIII estava concretizada) e da Espanha (que só terminaria em 1492 com a queda do Reino de Granada).

No período de dominação árabe — à semelhança do que acontecera no tempo dos fenícios, cartagineses e vândalos — foi Andaluzia a região que mais se desenvolveu. Por muito tempo os árabes conseguiram se manter unidos em torno do ideal da conquista, enquanto nas montanhas setentrionais, de difícil acesso, subsistiam, de início pequenos Estados visigodo e cristãos.

Em 718 os visigodos elegem *Pelayo* como seu rei, que receberia o título honorífico de “Restaurador da Liberdade dos Espanhóis”. Seu sucessor, Afonso I, se reunia aos cristãos das Astúrias, enquanto Carlos Magno, criando a *Marca de Espanha*, para impedir que os muçulmanos ultrapassassem os Pirineus, passava a auxiliar os nortenhos contra os árabes.

O *Califado de Córdoba*, com capital na cidade do mesmo nome, no tempo de *Abderramão III* assinalava a época mais importante do domínio

árabe. Em suas terras, os *moçarabes* eram os cristãos arabizados; ao sul do Douro e Ebro era notória a influência muçulmana imprimindo largos traços arquitetônicos e lingüísticos-culturais. Na toponímia, por exemplo, subsistem os rios Guadiana e Guadalquivir; a albufera (laguna), alcântara (ponte), alcazar (castelo) etc.; enriqueceram a língua portuguesa com mais de 700 palavras entre as quais: Alfama (asilos, refúgio), Algarve (Ocidente), alferes, alcaide, almirante, alfândega, almoxarife, alcatrão, algodão, alfazema, alqueire, algarismo, álgebra, etc. Os árabes fundaram, na península, a primeira fábrica de papel da Europa, introduziram entre os peninsulares o gosto pelo adorno com azulejos; cultivaram novas plantas como o arroz, algodão, cana-de-açúcar, laranja e limão; acrescentaram aos dos ramos novos processos de irrigação através de açudes e azenhas (moinhos d'água).

Nas regiões do norte, logo reconquistadas pelos cristãos, as influências árabes seriam bem menores, embora subsistiam em alguns lugares, em função das incursões que nelas fizeram Abderramão III e Almançor. Os árabes que aí viviam entre os cristãos passaram a ser chamados de *mudejares*, influenciando, sobretudo, no estilo arquitetônico. Por sua vez, tanto de um lado como de outro, os *judeus* se destacavam no setor industrial e comercial.

Durante a dominação árabe, começou a se organizar o *Reino de Portugal em separado dos numerosos Reinos que só muito mais tarde se uniram para formar a Espanha*. Em fins do século XI, estavam unidos os territórios de Leão e Castela, sob o cetro de Afonso VI. Para combater os árabes, este rei recorreu a outros nobres cristãos, inclusive franceses. Foi nessa época que muito se distinguiram Raimundo e Henrique de Borgonha, condes franceses. Tão valorosamente lutaram, que Afonso VI. Para combater os árabes, este da mão de suas filhas, pequenos condados para governarem. A D. Raimundo coube a mão de D. Urraca, filha legítima do rei, e ainda o Condado da Galícia; a D. Henrique coube a mão de D. Teresa, filha ilegítima do rei, e ainda o Condado Portucalense, situado entre o Minho e o Douro, tendo Guimarães como capital.

Após a morte de *Almançor*, em 1002, em luta contra os cristãos, começa a se enfraquecer o domínio árabe, tendo em vista as tendências segregadoras que iriam multiplicar, na península, os *reios taifas*; esses enfeudalizaram o domínio árabe, descentralizando-o. De avanço em avanço, conseguiam os reis católicos Fernando e Isa-

bel, expulsá-los finalmente de seu último reduto — o Reino de Granada em 1492. Igual destino teriam os judeus em 1499, que imigraram para Amesterdan, de onde ainda continuaram a se comunicar comercialmente com a península, levando os holandeses, posteriormente, a se tornarem rivais dos portugueses e espanhóis na formação de um império ultramarino.

Livres dos árabes, ainda no século XIII, os portugueses já procuravam nas vias marítimas o desenvolvimento de seu comércio, lançando-se às grandes navegações. Quanto à Espanha, que se comunicava com a Europa pelos passos pirenaicos, pré-adaptar-se-ia, a partir do século XV, a uma tradição marítima iniciada na Idade Média no Mediterrâneo. Tem início, então, a chamada *época de ouro para a Espanha*, que formaria, ao lado dos portugueses, o seu vasto império ultramarino.

A partir do século XVI, a *Espanha começa a se tornar mais européia que ultramarina*. Madrid, como centro geográfico da península, comandaria as *tendências continentais castelhanas*. A expansão continental se orienta para o Reno e Danúbio, onde o Santo Império Romano Germânico se transformou no sonho de hegemonia universal de Carlos V. Herdando de seus pais os Países Baixos e o Franco Condado (1506), receberia de seus avós, dez anos depois, a Espanha e suas colônias, Nápoles e a Sicília. Finalmente, em 1580, cairia Portugal sob o domínio da Espanha, no tempo de Felipe II. Com Felipe III começa a se desarticular a expansão continental européia espanhola, que a derrocada de seu império ultramarino no século XIX vem complementar.

5 — Situação Política Atual

Em meados do século XIX cerca de 2/3 do povo espanhol vivia no campo em condições de extrema miséria, trabalhando para os grandes proprietários rurais. De *potência comercial*, detentora da rota do ouro e da prata, ficara a Espanha reduzida a seu *res-trito espaço peninsular agrícola*, mercado de matérias-primas dos países que se industrializaram, e semicolônia financeira da Europa.

Madrid, que crescera pouco a pouco, em fins do século XIX e princípio do nosso atual, se expandia para todos os lados; movimentava-se a Gran Via (hoje Avenida José Antõnio Primo de Rivera), e dominava o país, tendo na "Puerta del Sol" o verdadeiro pulso político. No final da Gran via, a Praça

de Espanha com a estátua de D. Quixote e Sancho Pança, heróis que só existiram no romance de Cervantes; comparava-se a Espanha daí a uma nação que conhecera o poder e agora a pobreza, a fortaleza e agora a debilidade; um país que pouco se desenvolvia e que se encaminhava revolucionariamente para a reclamada modernização social.

O *poder do Exército* que, a partir de 1808, quando da invasão dos franceses de Napoleão, crescera gradativamente, passava a se manifestar através de pronunciamentos. E, dos pronunciamentos a um *golpe militar* que levaria ao poder o *General Miguel Primo de Rivera*, que governou como ditador nominal sob controle do rei de 1923 a 1930. Com a depressão econômica mundial, foi Primo de Rivera derrubado, deixando o rei Afonso XIII sem cobertura política, enfrentando a oposição do Exército, da Igreja, de alguns intelectuais e classes trabalhadoras urbanas. Ante a iminência de uma guerra civil, deixou a Espanha, tendo o cuidado, porém, de não abdicar.

Iniciava-se o *período republicano* em 1931, tendo a frente *Manuel Azaña*. Tentou o novo governo afastar o Exército da política, separar a Igreja do Estado e dar início à implantação de leis trabalhistas. Seus opositores fizeram estourar greves e conflitos; Azaña seria deposto em 1933 com a sublevação das Astúrias e Catalunha. A revolta que se alastrava seria esmagada, porém, com a *atuação da Legião Estrangeira*, da qual um hábil general que se destacara no Marrocos fazia parte — era *Francisco Franco*.

Sufocada a rebelião, as *eleições de 1936* davam a vitória aos candidatos socialistas e comunistas, trazendo Azaña de novo ao poder. Nova fase de greves e conflitos de ruas *levariam a Espanha a uma Guerra Civil*. Eram, de um lado, conduzidos por *José Antônio Primo de Rivera*, filho do ex-ditador, reunidos num grupo denominado *os Falangistas*, de ideologia semelhante ao facismo italiano. A estes se uniu o Exército, os monarquistas ortodoxos, os seguidores da Casa dos Bourbons, os grandes proprietários rurais, a maior parte da Igreja e setores da classe média. Contra esses se alinhavam os *Republicanos*, pertencentes ao governo, os trabalhadores urbanos, os comunistas e socialistas. A Guerra Civil seria, pois, um conflito entre Republicanos e Falangistas.

Venceriam os Falangistas por várias razões. Primeiro, porque entre eles as forças do General Francisco Franco dispunham de melhor equipamento fornecido pela Alemanha, Itália e Por-

tugal; enquanto os Republicanos contavam apenas com remessas esporádicas da Rússia, França e México. A segunda causa ligou-se à superioridade econômica dos Falangistas, que controlavam a metade do território espanhol, justamente nas zonas produtoras de trigo e carne e, com apenas 1/3 da população, tendo menos gente para alimentar; já os republicanos controlavam as zonas industriais paralisadas ou semi-paralisadas, por falta de matéria-prima, com a população maior e assolada pela fome. A terceira causa é que não havia entre os Republicanos um líder natural, tendo em vista a sua heterogênea aliança entre anarquistas, comunistas, socialistas. No lado Falangista, com a morte de José Antônio Primo de Rivera, fuzilado em 1936 e considerado mártir, *soube Francisco Franco se impor* com astúcia, já que nenhum outro general a ele se comparava em tino político e estratégico.

Finda a Guerra Civil em março de 1939, em vésperas da Segunda Guerra Mundial, evidenciava-se na Espanha a *vitória do centralismo sobre o regionalismo*. Numerosos Republicanos são assassinados, executados ou deixaram o país (cerca de 300.000 opositores), indo para os Estados Unidos, México e Argentina.

A Espanha iria ser submetida ao *regime do isolamento sob o governo de Franco*, após o término da Segunda Guerra Mundial, pois Hitler e Mussolini eram considerados seus parceiros ideológicos. Organizada em 1945 a ONU, a Espanha nela não pôde entrar, enquanto vários países cortavam relações diplomáticas, retirando seus representantes de Madrid. O objetivo era o de afastar Franco e abolir o Falangismo. Aproveitou-se, porém, Franco dessa intervenção indireta estrangeira para conquistar as massas populares, incutindo-lhes o sentimento nacionalista.

Por outro lado, o *embargo econômico* decretado pela ONU iria aos poucos ser desrespeitado, e o primeiro a fazê-lo seria a Argentina, governada pelo autoritarismo de Perón. Por sua vez, a *“Guerra Fria”* e a *posição estratégica da Espanha no âmbito da OTAN*, levariam os Estados Unidos a se aproximarem do governo franquista, que iria, a partir daí, subir na cotação internacional no seio dos ocidentais. Nitidamente anticomunista, Franco concordava, pelo *Pacto de Madrid de 1953*, que os Estados Unidos instalassem bases militares em Torrejón, Morón, San Pablo e Saragoça, bem como um centro de comunicações da Força Aérea em Sevilha e uma base aero-naval em Rota. Por sua vez, Cadiz assumiria importância vital como base logística da

frota de submarinos Polaris, no sul da Europa.

Após o Pacto de Madrid, os Estados Unidos emprestariam ao governo de Franco 1.200.000.000 de dólares, que levaria a Espanha ao seu *arrojado plano de industrialização*. Nascia assim o INI (Instituto Nacional de Indústria) controlando cerca de 70 firmas de diversas atividades industriais. Passava a Espanha a fabricar automóveis, navios, a coordenar um plano siderúrgico, produção de eletricidade, etc. A barragem de Aldeadávila, na fronteira com Portugal, é a maior do continente, possuindo a Espanha mais barragens que qualquer outra nação européia. Da energia elétrica engajou-se na termo-elétrica, enquanto a Westinghouse constrói em Guadalajara a primeira usina de energia atômica do país.

A *Ibéria*, companhia de aviação espanhola, passava a unir Madrid aos vários continentes, enquanto um *dinâmico departamento de turismo* fazia sua propaganda pela Europa, convidando os turistas para que visitassem monumentos históricos, vissem as belezas da "Costa Brava" e freqüentassem os balneários da "Costa do Sol". Castelos e Mosteiros foram transformados em hotéis, enquanto outros de construção moderna surgiam pelo país.

Hoje, a *primeira indústria espanhola é a do turismo*. Assim, o *III Plano de Desenvolvimento (1972-1973)* aspira converter a Espanha, para o ano de 1980, na 10.^a potência industrial do mundo, graças ao turismo. Este plano prevê o crescimento gradual da entrada de visitantes, já que sua propagação se estende também à América Espanhola. Assim, deverão visitar a Espanha, em 1980, cerca de 50 milhões de turistas, dando ao país divisas no valor de 4.300.000.000 de dólares, que permitirão continuar a industrialização e desenvolvimento do país. Cumpre-nos destacar que, só na última década, a Espanha recebeu quase 200 milhões de turistas de todas as procedências, e que só no ano de 1972 lá deixaram 2.610.000.000 de dólares. Para tal, porém, a Espanha deverá manter-se calma e ordeira e prevenir-se contra qualquer instabilidade política.

Bastante idoso, Franco governa a Espanha como Chefe de Estado ou Caudilho, acreditando-se que após a sua morte *volte o país ao regime monárquico com D. Juan Carlos de Bourbon*; fato este anunciado pelo próprio Franco em 31 de março de 1947. No dia

6 de julho do mesmo ano, um referendunum aprovou a "*Lei de Sucessão*"; num total de 17.178.812 eleitores, 14.154.163 votaram a favor e 722.656 contra; foram considerados nulos 351.744 votos.

A maioria dos ministros espanhóis pertence a uma sociedade denominada "*Opus Dei*" (Obra de Deus), analisada pelo escritor Jesús Ynfante em obra publicada em Paris, pela Editora Ruedo Ibérico. Pelo título, "La Prodigiosa Aventura del Opus Dei — Genesis y Desarrollo de la Santa Máfia", nota-se logo que o autor não é simpático ao grupo. No apêndice deste livro constam 546 nomes de supostos membros do "Opus Dei", que são administradores de Bancos, industriais, pessoas que controlam as principais zonas mineiras, obras públicas, transportes, imprensa e até a rede de turismo. No plano político, afirma o autor, pertencem ao "Opus Dei" entre outros: Gregório Lopez Bravo (Ministro das Relações Exteriores), José Maria Lopez Letona (Ministro da Indústria), José Luiz Palasi (Ministro da Educação), etc.

A "Opus Dei" é uma sociedade católica, fundada por Monsenhor José Maria Escrivá Ballaguer, cujos membros leigos ocupam postos-chaves na administração, bem como em instituições culturais e econômicas da Espanha.

★

Como república ou monarquia, essa Espanha, que se nutre praticamente do turismo, luta para *conquistar uma participação no Mercado Comum Europeu*. Necessita de mercados mais estáveis, que o tão instável turismo não lhe garantirá sempre; necessita de mercados que comprem suas frutas cítricas, seu azeite, vinhos e outros produtos agrícolas. Por motivos ideológicos, os países escandinavos e membros do BENELUX não admitem a sua inclusão; de seu lado, a Itália também não, por desejar dominar todo o mercado local de laranjas.

A Espanha sem dúvida alguma já mergulhou no século XX e sua vida se transforma, sob o ponto de vista social, com a crescente fuga das populações rurais para as cidades. Segunda estimativa de 1972, era de 34.360.000 a população total do país. Fora a capital, Barcelona (1.745.000 habitantes), Valência (653.000 habitantes) e Sevilha (546.000 habitantes), são as mais populosas do país. Madrid, com 3.211.000

habitantes, depois de Londres e Paris é a terceira urbe européia. O encontro de rurais nas cidades, as emigrações dos andaluzes para a catalunha aproximou espanhóis dos mais diversos pontos do país, contribuindo, desse modo, indiretamente, para a *formação de uma consciência nacional*, numa nação constituída por diferentes regiões históricas.

6 — Problemas Políticos e Territoriais

Por outro lado, o *centralismo estabelecido em Madrid* vem provocando diversas *aspirações político-nacionalistas* no país, umas até certo ponto ainda incubadas. A Catalunha e Valência, por exemplo, vivem no momento num impetuoso ressurgimento cultural. Em 1968 cerca de 1.000 personalidades da Galicia firmaram um documento solicitando que a antiga Universidade de Santiago de Compostela se convertesse em autônoma e bilingue.

Herança da Guerra Civil, surgem, de vez em quando, *manifestações rebeldes* contra o regime franquista, que se intensificaram a partir da década de 1970. Nesse ano houve um movimento operário em Granada; em 1972 a uma greve de estudantes da Universidade de Madrid, seguiu-se outra de operários em El Ferrol. A 30 de abril de 1972, integrantes de organização da extrema direita, os "Guerreiros de Cristo Rei", agrediram sacerdotes, fiéis e o próprio Bispo-Auxiliar de Madrid, Monsenhor Victorio Oliver, quando saíam de uma solenidade religiosa.

Na fachada atlântica dos Pirineus, onde se localizam os chamados "*sete países bascos*",* o problema separatista é bem mais sério. Nesta área que abrange 22.500 km², correspondendo ao nosso Estado de Sergipe (22.027 km²), a menor elevação das montanhas favoreceu a formação de uma população que se denomina de eskaldunak. Embora envolva 7.700 km² em zona francesa e o restante bem maior em território espanhol, esse povo deseja unir-se para, separando-se da Espanha e França, transformar sua região num país independente. A língua e a cultura aproximam esses "sete países" formados por 4 províncias espanholas e

3 departamentos franceses, fazendo-os adotar como símbolo "3 + 4 = 1".

A princípio o separatismo basco se limitou a uma oposição silenciosa, que aos poucos começou a ser substituída por atentados. Foram assim dinamitados: o monumento aos mortos da Guerra Civil erigido nas proximidades da cidade de San Sebastián, capital da província basca de Guipuzcoa; o Quartel da Guarda Civil em Besauri, e o acampamento da Organização Juvenil Espanhola em Ibaranguelue. A 20 de dezembro de 1973 uma bomba antitanque matava o Primeiro Ministro espanhol, Almirante Luís Carrero Blanco, colaborador há mais de três décadas do Generalíssimo Franco. Estava Carrero Blanco destinado a guiar os passos do Príncipe Juan Carlos de Bourbon, a fim de assegurar a continuidade do regime, após a morte de Franco. O Partido denominado ETA (Pátria Basca e Liberdade) se responsabilizou pelo atentado, efetuado horas antes da audiência preliminar que devia julgar nove trabalhadores e um sacerdote bascos.

No espaço compreendido entre a parte oriental da Província de Cadiz e a ocidental da Província de Málaga (num rochedo de calcário compacto) em zona estratégica da baixa Andaluzia, situa-se a chamada *Província de Gibraltar*,** em poder dos ingleses desde 1713, em virtude do estipulado no artigo 10 do Tratado de Utrecht. A partir de 1967, com plebiscito que confirmou a posse do rochedo para a Inglaterra, a situação agravou-se. Fazendo uso de suas prerrogativas soberanas, o governo de Franco tomou medidas lesivas aos interesses do diminuto enclave britânico (6 km² de área), cortando-lhe a fonte tradicional de mão-de-obra espanhola; negou, pois, a permissão aos 4.800 espanhóis que cruzavam diariamente a fronteira em La Línea para trabalhar em Gibraltar.

Nessas condições, adotou a Inglaterra planos de contingência. Um deles foi o de transformar o penhasco num refúgio fiscal, semelhante ao do Liechtenstein, Panamá e Bermuda; sabe-se que Gibraltar não tem comércio mas que, no entanto, seu porto franco lhe tem favorecido crescente atividade. Por outro lado, a fim de transformar o rochedo num centro turístico, intensificou-se em Gibraltar a atividade em três âmbitos: fomento da escala nesse por-

* Para maiores detalhes vide: *Atlas de Relações Internacionais* n.º 13 — "Os Sete Países Bascos".

** Para maiores detalhes vide: *Atlas de Relações Internacionais* n.º 5 — "A Disputa de Gibraltar".

to do maior número possível de transatlânticos que passem pelo estreito; ampliação da capacidade hoteleira local para que os visitantes possam ver o muito do valor histórico e curioso da região; transformar finalmente a área no lugar ideal para aposentados ingleses, desejosos de passar sua velhice gozando do sol mais acolhedor no sul da Europa. Assim, a nova medida se atém à redução da extensão das instalações militares, para que as construções civis ganhem mais espaço; de zona estratégica-militar, Gibraltar transforma-se paulatinamente em área turístico-residencial. Por sua vez, a Espanha procura fazer o cerco de Gibraltar, que tem economia incipiente, construindo nas adjacências unidades residenciais, núcleos turísticos e industriais, com a finalidade de englobar, atraindo o rochedo cada vez mais para a sua órbita.

DADOS ESTATÍSTICOS

Fonte: *The Statesman's Year Book* - 1973/1974

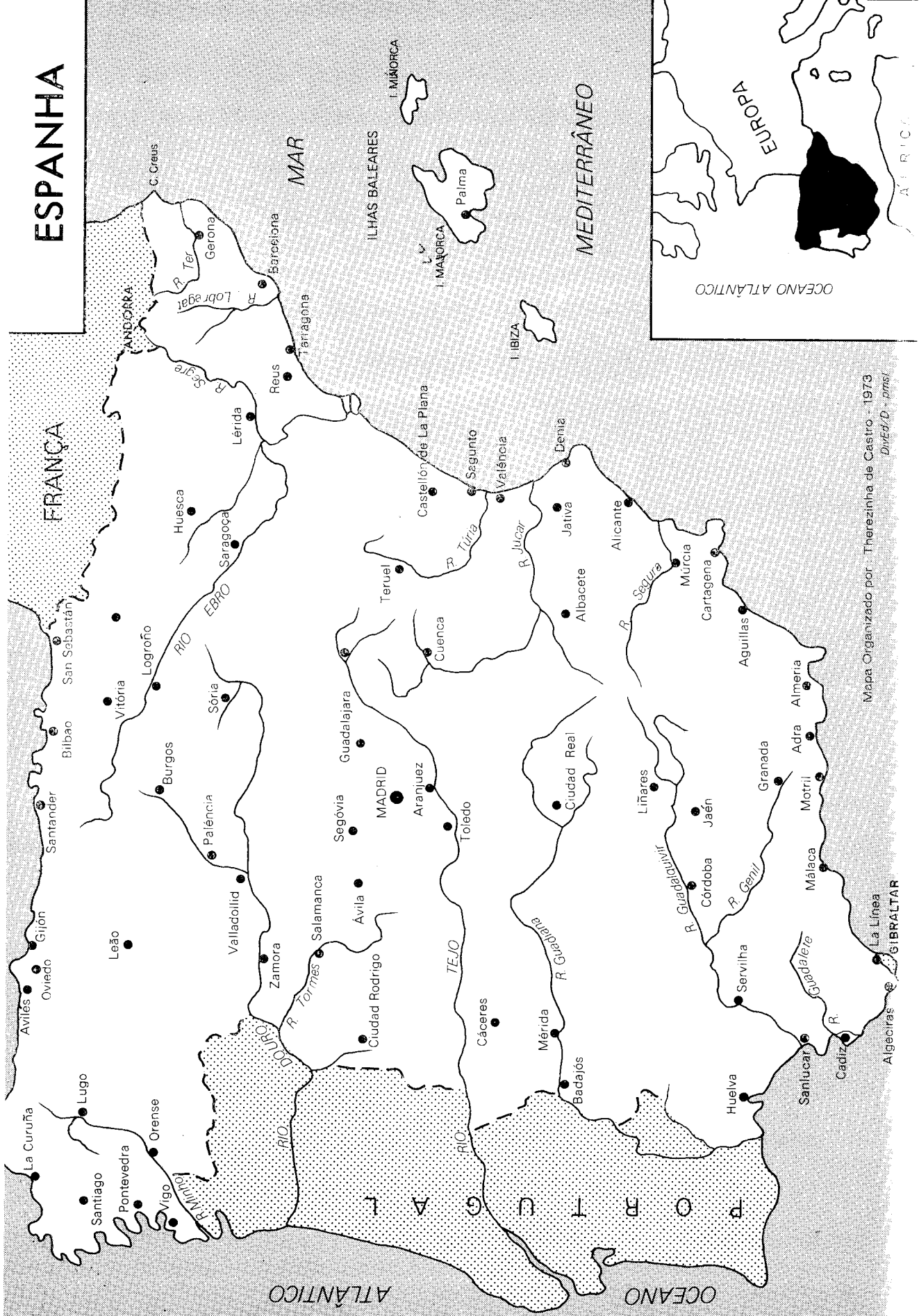
CRESCIMENTO POPULACIONAL	
ANO	Habitantes
1860.....	15.655.467
1910.....	19.927.150
1920.....	21.303.162
1930.....	23.563.867
1940.....	25.877.971
1950.....	27.976.755
1960.....	30.903.137
1972.....	31.360.000

TRANSPORTES (1970)	
Rodovias.....	138.934 Km
Ferrovias.....	17.458 Km

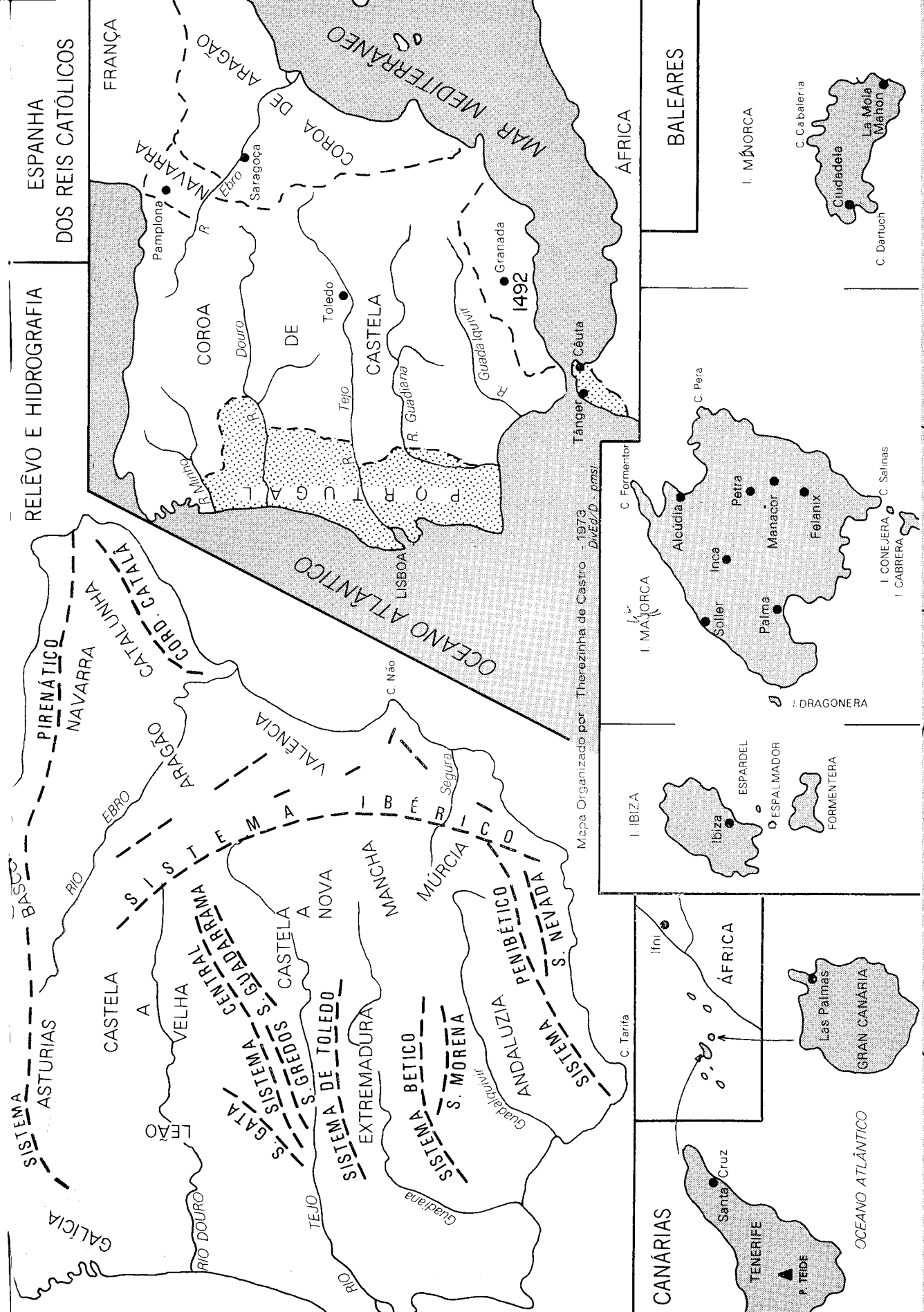
COMÉRCIO (em mil pesetas)					
	1967	1968	1969	1970	1971
Importação.....	211.828	246.547	296.306	332.300	347.415
Exportação.....	84.650	11.244	133.013	167.087	205.645

(Dezembro de 1973)

ESPAÑA

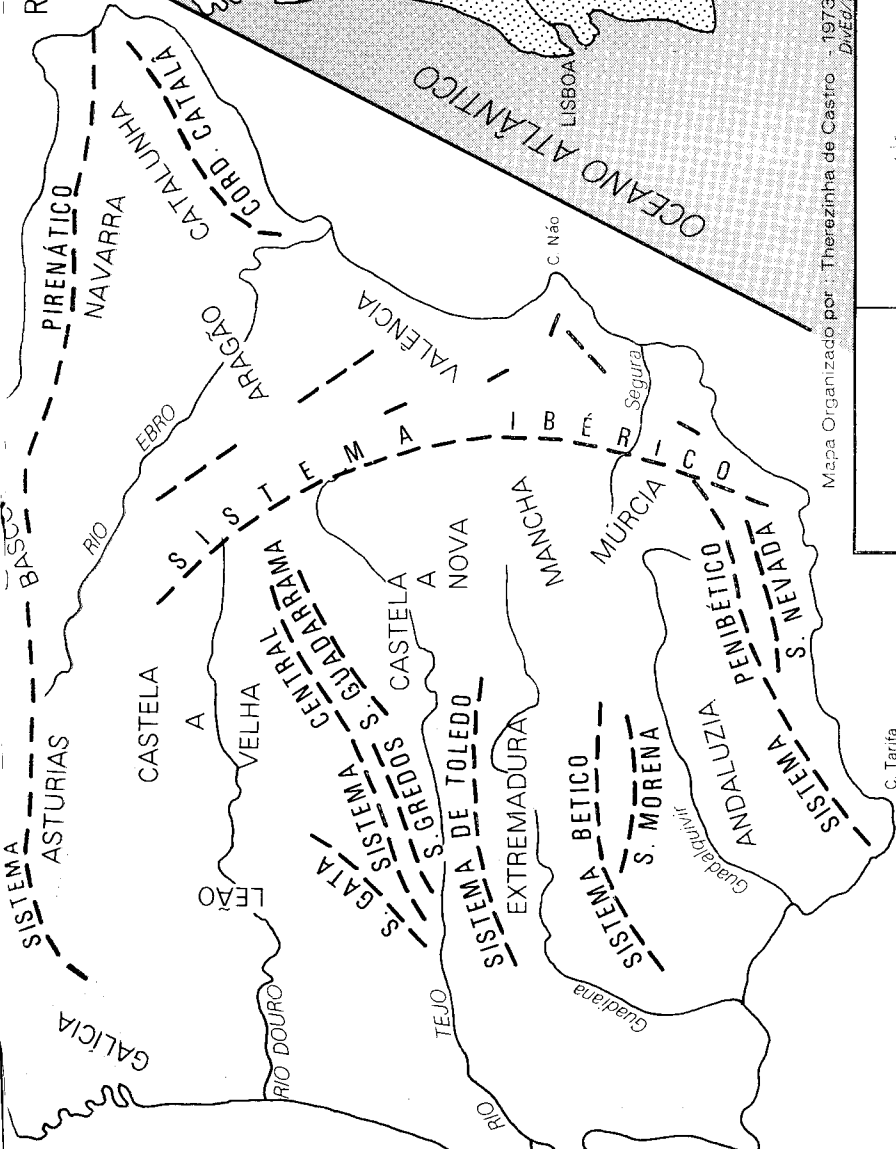


Mapa Organizado por: Therezinha de Castro - 1973
DivEd.D. - pms/

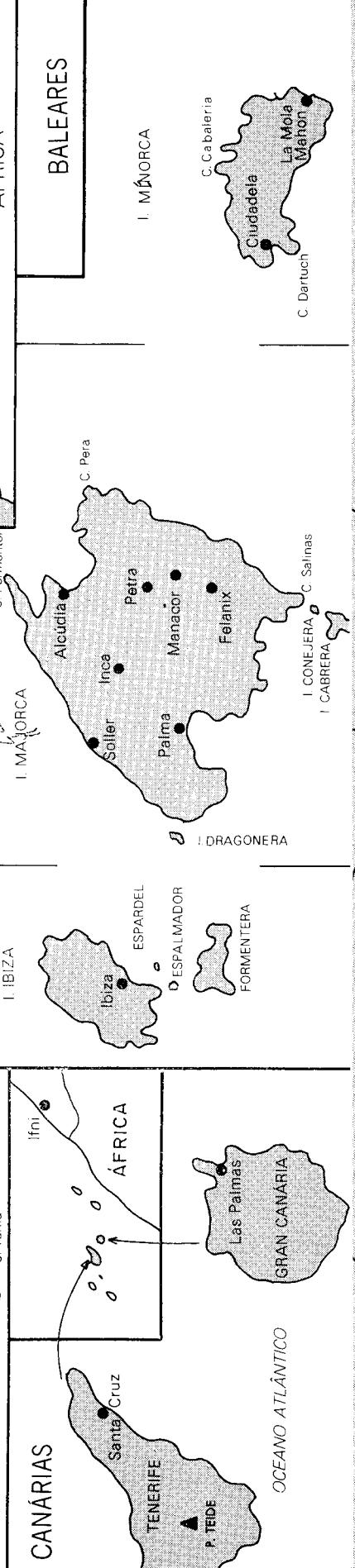


RELEVO E HIDROGRAFIA

ESPANHA DOS REIS CATÓLICOS



Mapa Organizado por: Therezinha de Castro - 1979
Div. Ed. D. ppsl



OCEANO ATLÂNTICO

CANÁRIAS

ÁFRICA

IBIZA

I. MAJORCA

AFRICA

BALEARES

I. MÍNORCA

FRANÇA
 COROA DE ARAGAO
 NAVARRA
 Saragoça
 Pamplona

COROA DE CASTELA
 Douro
 Tejo
 Toledo

CASTELA
 R. Guadiana
 LISBOA
 C. Não

VALENCIA
 ARAGAO
 Ebro
 NAVARRA
 CATALUNHA
 PIRENÁTICO

CASTELA
 MANCHA
 MURCIA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA

CASTELA
 MANCHA
 MURCIA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA

CASTELA
 MANCHA
 MURCIA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA
 S. GATA
 S. GREGOS
 S. GUADABRAMA

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

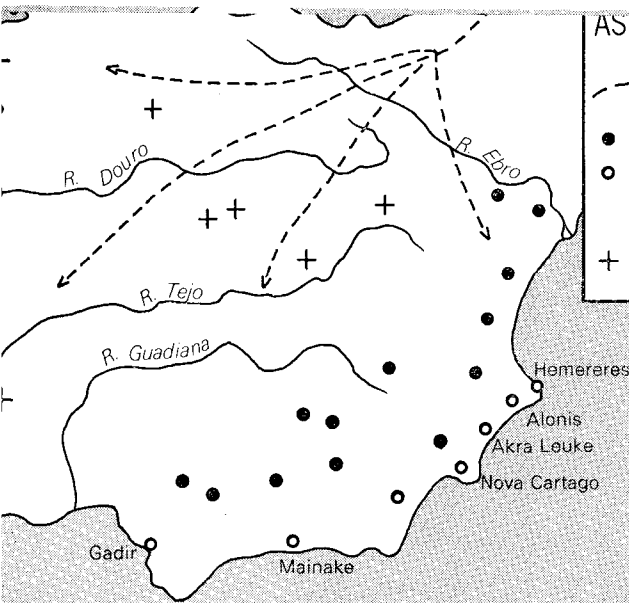
MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger

MAR MEDITERRANEO
 Granada
 1492
 Ceuta
 Tânger



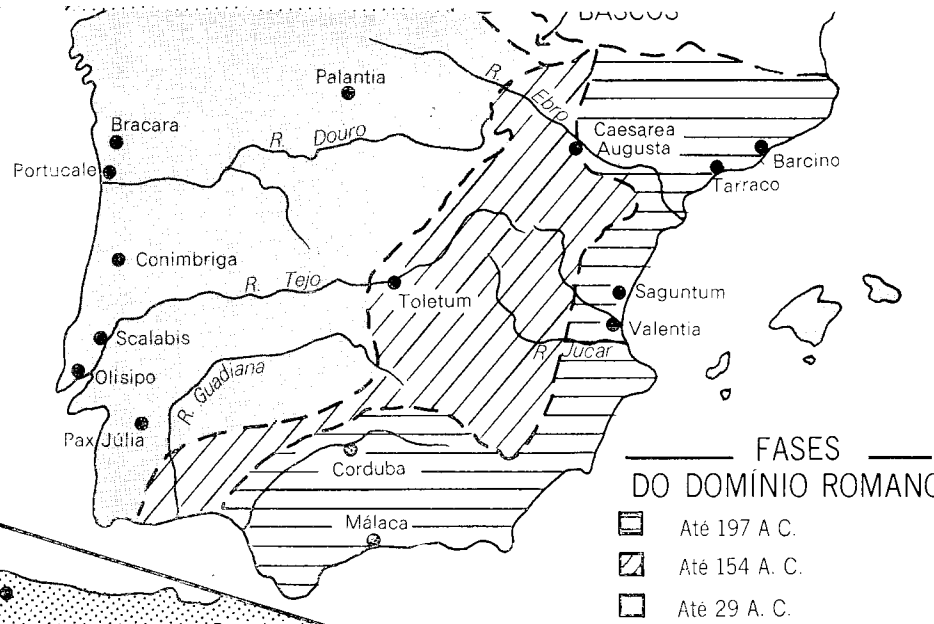
AS PRIMEIRAS INVASOES

--- Invasões Celtas

● Povoados Iberos

○ Colonias Gregas Fenicias e Cartaginesas

+ Povoados Celtas



FASES DO DOMÍNIO ROMANO

▭ Até 197 A. C.

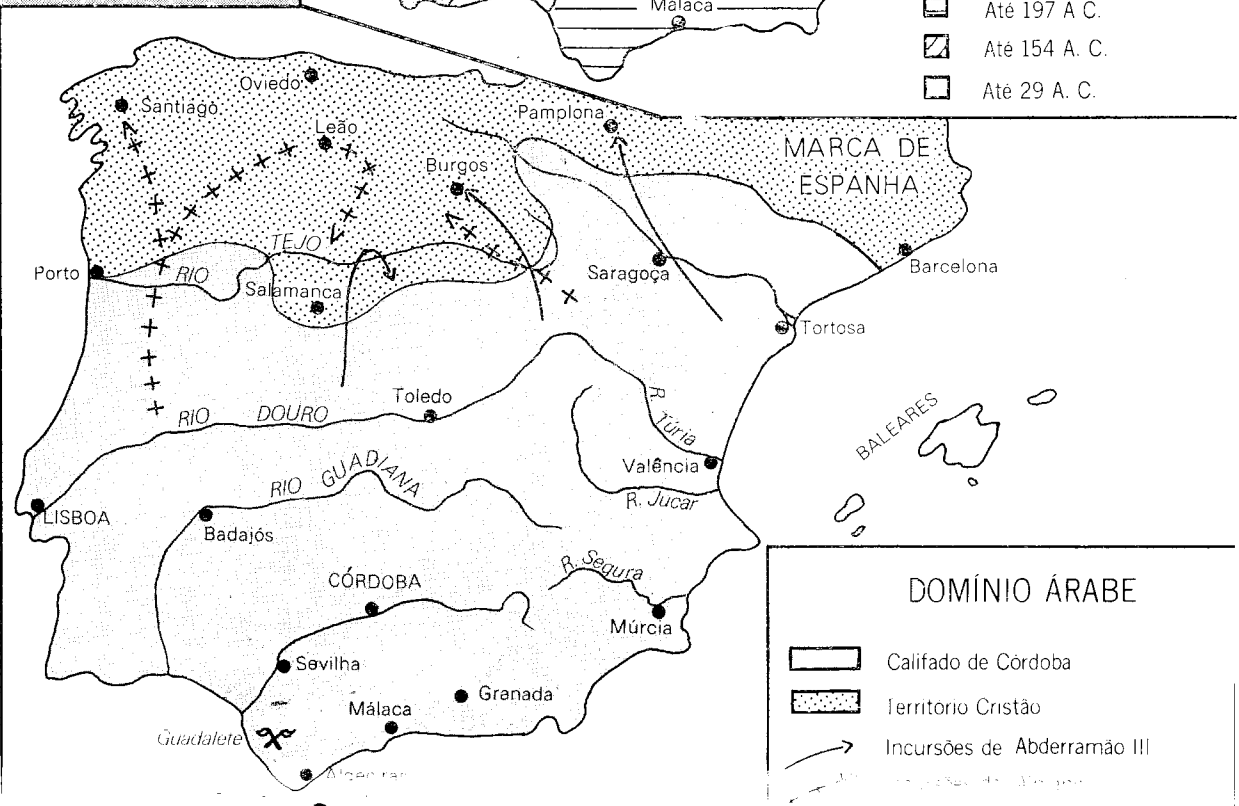
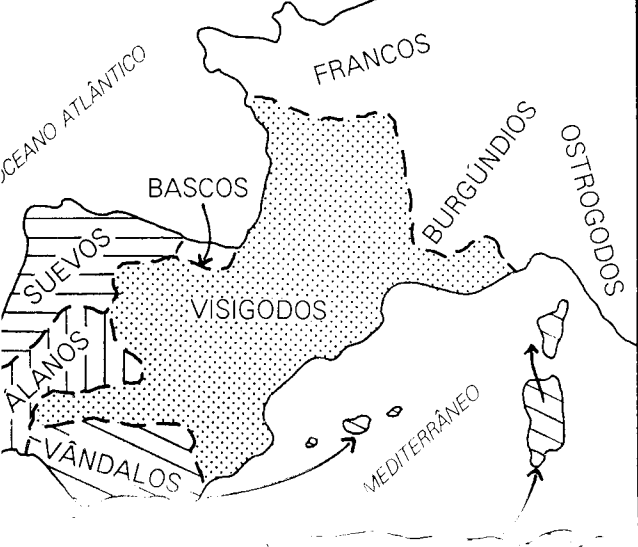
▨ Até 154 A. C.

▭ Até 29 A. C.

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA PENÍNSULA IBÉRICA

Mapa Organizado por : Therezinha de Castro - 1973 DivEd/D - pmsl

STADOS BÁRBAROS

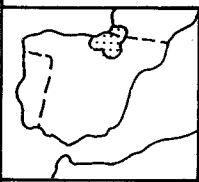
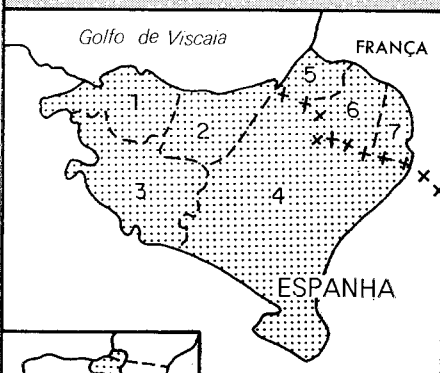
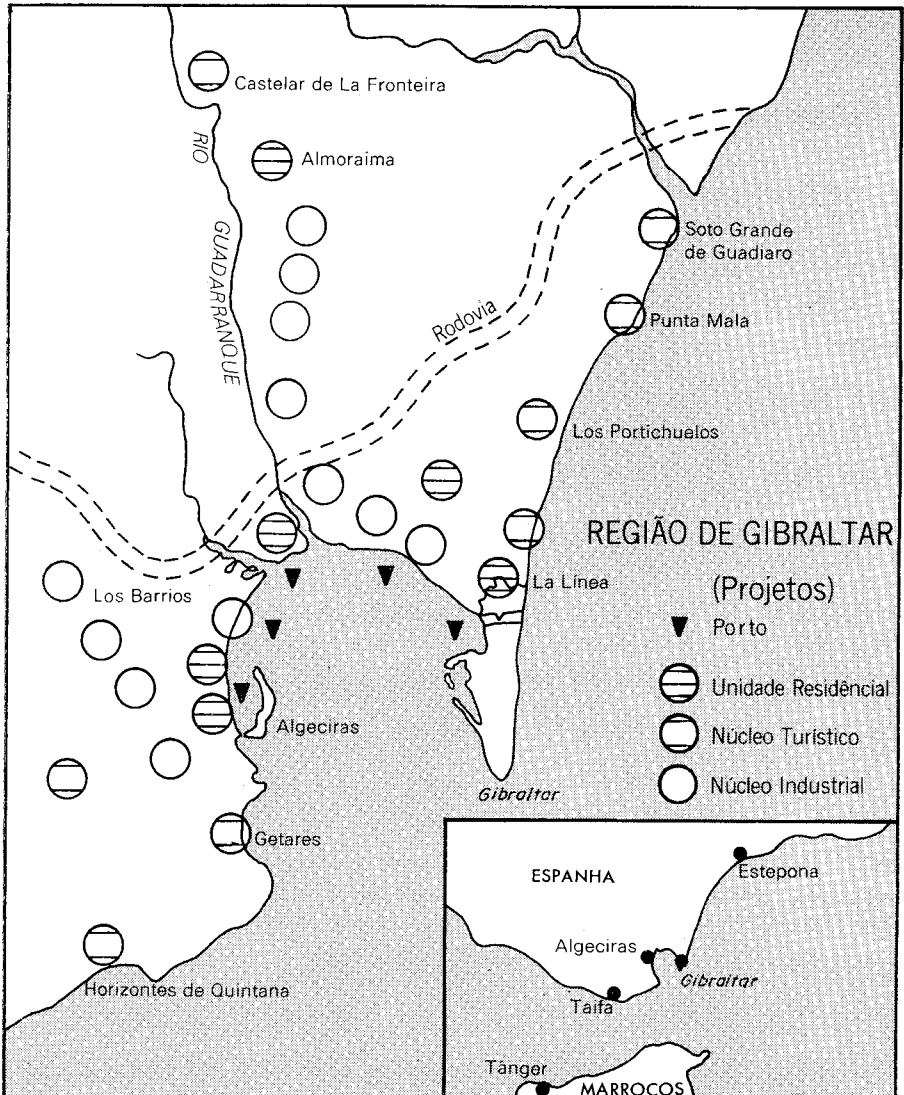


DOMÍNIO ÁRABE

▭ Califado de Córdoba

▨ Território Cristão

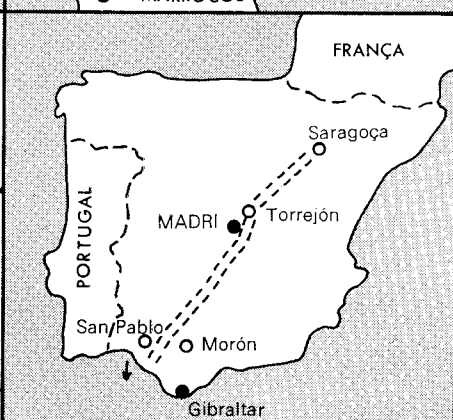
→ Incursões de Abderramão III



"PAISES BASCOS"
(4+3=1)

- 1-Viscaia
- 2-Guipuzcoa
- 3-Alava
- 4-Navarra
- 5-Labourd
- 6-Baixa Navarra
- 7-Soule

+ + + +
Fronteira
Franco-Espanhola



**BASES
HISPANO-ESTADUNIDENSES
(OTAN)**

- Oleoduto
- Base Aérea
- ↓ Base Aero-Naval